

Concurso

LITERÁRIO



do IFRS



Conto



Crônica



Haicai



Poema



3ª edição

Concurso

LITERÁRIO

do IFRS

3ª edição

Expediente

Realização

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS

Organização

Neudy Alexandro
Clarissa Deggeroni
Cristina Rorig Goulart
Denise Mallmann Vallerius
Greicimara Vogt Ferrari
Izandra Alves
Priscila de Lima Verdum
Raquel Selbach Machado Colombo

Edição e Revisão

Editora Duarte

Imagens e Ilustrações

Banco de imagens

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C744c Concurso Literário do IFRS (3. : 2025 : Bento Gonçalves, RS)
Concurso literário do IFRS: conto, crônica, haicai, poema [recurso eletrônico]/ Organização Neudy Alexandro Demichei, Clarissa Deggeroni, Cristina Rorig Goulart, Denise Mallmann Vallerius, Greicimara Vogt Ferrari, Izandra Alves, Priscila de Lima Verdum, Raquel Selbach Machado Colombo. - 1.ed. - Rio Bonito: Editora Duarte; IFRS, 2025.
1 arquivo em PDF (118 p).

ISBN 978-65-5950-331-5 (IFRS)

1. Literatura brasileira - Rio Grande do Sul. 2. Conto. 3. Crônicas. 4. Poesia. 5. Haicai. I. Título.

CDU(online): 821.134.3(816.5)

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira CRB10/1933

Apresentação

A literatura nos permite ultrapassar fronteiras, viajar por mundos imaginários e mergulhar em realidades profundas — sem sair do lugar. Por meio das palavras, descobrimos outros modos de ser, de sentir e de compreender a existência. Ler e escrever são atos de liberdade, de criação e de transformação. Quando incentivamos nossos estudantes a escrever, não estamos apenas estimulando a expressão artística, mas também abrindo caminhos para o autoconhecimento, para o diálogo com o outro e para a formação cidadã.

Com esse espírito de valorização da cultura e do potencial criativo de nossos estudantes, foi realizado o **III Concurso Literário do IFRS**, promovido pela Pró-reitoria de Ensino, entre os meses de setembro e novembro de 2023. A iniciativa teve como objetivos **despertar talentos, estimular a escrita e dar visibilidade à produção literária dos estudantes da Instituição**.

O concurso contemplou quatro categorias: **Conto, Crônica, Haicai e Poema**. As obras, todas inéditas, foram avaliadas por uma comissão formada por servidores e servidoras do IFRS. Em cada categoria, foram selecionados até dez textos mais bem classificados, com base em critérios de qualidade literária, criatividade e domínio técnico. Os três primeiros colocados de cada categoria foram premiados durante o **8º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS**, em dezembro de 2023.

Este livro digital reúne os textos selecionados, evidenciando o talento e a sensibilidade de nossos estudantes e reafirma o compromisso do IFRS com uma formação integral, que reconhece e estimula a arte e a literatura como dimensões fundamentais da educação. Valorizar a produção literária dos nossos estudantes é, acima de tudo, reconhecer a potência transformadora da escrita como forma de expressão, análise social e desenvolvimento pessoal.

Boa leitura!

Súmario



Conto

Vivendo o dia.....09

Marilice Strada da Fonseca - Campus Alvorada

Nequinha.....14

Marcel Fernando da Silva - Campus Restinga

Acidente da matéria.....19

Iago Spellmeier Zuchi - Campus Bento Gonçalves

Flores: palavras que a terra diz.....25

Estella Maria Bortoncello Munhoz - Campus Bento Gonçalves

Cartas de uma desconhecida.....29

Vitória Allmer - Campus Osório

A mulher que encontrou as almas.....32

Fabiola Pelissoli Ferri - Campus Osório

A escolha da Fonte Espectral.....38

Gustavo Maschio - Campus Farroupilha

Chico Riso.....43

Marcus Andrei Ullmann - Campus Feliz

O cálice.....48

Gabriel Elias Josende - Campus Bento Gonçalves

O homem em seu lugar.....54

Henrique da Silva de Andrades - Campus Osório



Crônica



A menina da cadeira à frente.....60

Garota Nacional - Campus Farroupilha

O filho de Odin.....64

Gabriela Guarda Bés - Campus Veranópolis

Ninguém mexe na minha magrela.....66

Louisa - Campus Bento Gonçalves

Este caderno.....68

Estella Maria Bortoncello Munhoz - Campus Bento Gonçalves

Gavetas mentais.....70

Catarina Zaccaron Croda - Campus Caxias do Sul

As idosas na varanda.....72

Gabriel Elias Josende - Campus Bento Gonçalves

Para o futuro.....75

Marcus Andrei Ullmann - Campus Feliz

Das pequenas grandes coisas.....80

Iago Spellmeier Zuchi - Campus Bento Gonçalves

Pílulas.....83

Ecila Noyce - Campus Vacaria

Liminal.....85

Leonardo Froner Moreira - Campus Bento Gonçalves



Haikai

Origem.....90

Claudia Willrich Klein - Campus Ibirubá

Palavras.....91

Milena Rolim Seibel - Campus Osório

Risada.....92

Santiago Zucchini - Campus Bento Gonçalves

Haikai.....93

Iago Spellmeier Zuchi - Campus Bento Gonçalves

Haikai.....94

M. S. Dias - Campus Canoas

Pena! A maré apagou.....95

Marcus Andrei Ullmann - Campus Feliz

Haikai.....96

Lauren Greenchain - Campus Canoas

Leminskiando.....97

Fernanda Lauck Jablonski - Campus Rolante

Haikai.....98

Anti - Campus Canoas

Tão minha cara.....99

Júlia Cabral Tamiosso - Campus Farroupilha



Poemas

Tela de pintar.....101

Marcus Andrei Ullmann - Campus Feliz

Mera convencionalidade.....103

Júlia Helena Breitreitz - Campus Erechim

Canção do Guerreiro.....105

U.T. Flaming - Campus Farroupilha

No meu tempo era melhor.....107

Robson Peres - Campus Porto Alegre

A rosa.....108

Anatoly Korsikov - Campus Bento Gonçalves

Caverna das emoções.....109

Henrique da Silva de Andrades - Campus Osório

Recortes de uma juventude.....111

Garota Nacional - Campus Farroupilha

Trocando olhares com o vazio.....112

Darko Sinfonia Abissal - Campus Canoas

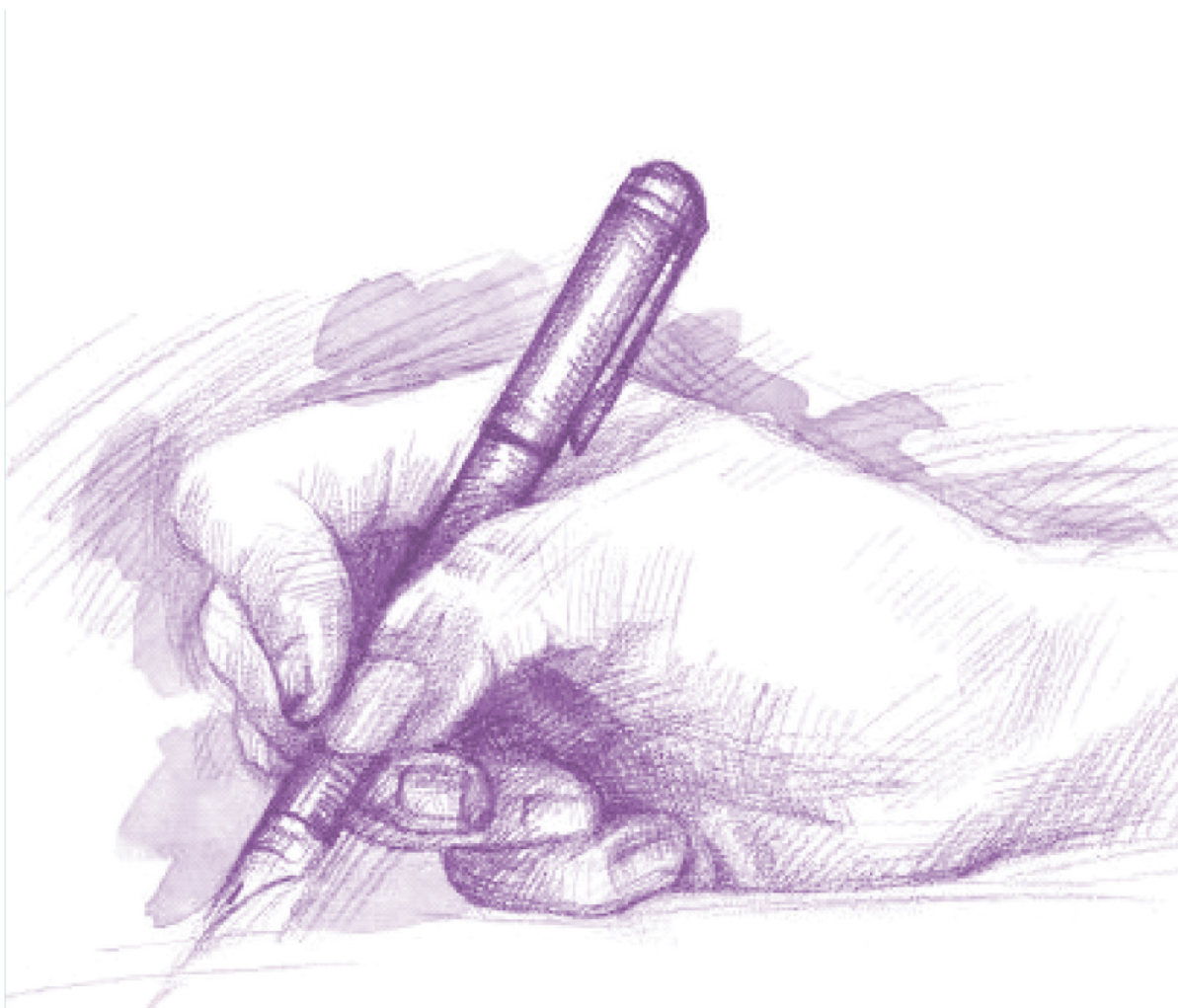
Impossível guardar.....114

Lauren Greenchain - Campus Canoas

Dores por trás das grades de uma gaiola.....115

Mikaela Dutra Kosciuk - Campus Veranópolis

Conto





Vivendo o dia

Marilice Strada da Fonseca

As pessoas. — Então como vamos passar o dia.? O dia. - Por favor não me passem.

Ah. — Dia de sol. Suspirou o marido, convidando a mulher e o filho para passarem o dia em uma praça.

— Vamos passar o dia e aproveitar o sol? — o que acham?

A mulher respondendo, acrescenta uma passagem no shopping antes para almoçarem. O filho, ainda criança, parece feliz e faz sinal positivo com a cabeça. Para ele tudo parece bom.

O Dia, que está iniciando sua jornada acompanhando os preparativos e as expectativas das pessoas, observa aquela família se referindo a ele com o termo passar. Então teve a impressão de que era habitual e até normal o usarem para ele. Mas ficou em dúvida e resolveu prestar mais atenção e ir em busca de outros comentários a seu respeito. Parou em uma família da periferia e ficou à espera da programação diária. Ali a pouco tempo haviam despertado. Um pai, uma mãe e três filhos. O Dia naquele pouco tempo que ficou ali escutando o que falavam não conseguiu constatar o nome dos filhos. Eram tratados por crianças ou filho. Constatou que por algum motivo a Noite não havia sido tão boa quanto a da outra família. As crianças Logo que levantaram já saíram para fora da casa que era bem pequena.

O homem parecia cansado. — Disse para a mulher. — Vou passar o dia na obra. — Hoje a construção termina e vou receber.

A mulher responde que vai passar o dia em casa. — Dia bom pra lavar roupa.

— Tem sol!



Verificou que ali também, estava sendo passado. Mas não desistiu, continuou a procura de mais comentários sobre ele. Notava que os planos e realizações se diversificavam, algumas pessoas iam para as praças, os shoppings, trabalhar, se exercitar, mas no geral, estavam concentradas em compromissos e tarefas que teriam que realizar. Notou entre elas uma unanimidade. Todas o passavam e algumas rezavam para que ele passasse rápido.

Ele ficou triste, então veio o Crepúsculo.

— O que houve Dia? Por que está tão sisudo?

— É um problema que estou passando. Nossa! Até eu? Me passando.

Mas quando o dia ia começar a desabafar, o Crepúsculo já saiu e logo veio a Noite. Era chegado o momento da passagem de plantão.

— Me despeço então desse território e vou me encaminhar para outras regiões do planeta. — Tudo certo Noite? — Pergunta o Dia.

Os encontros do Dia com a Noite dependiam da rotação do planeta, mas sempre tinham tempo de trocarem algumas ideias e até confidências pois por serem mais estáveis, confiavam um no outro. O contrário acontecia com o Crepúsculo. Carregava fama de leva e traz.

Confirmando que essa fama nada tinha de injusta a Noite já chegou comentando.

— Me disseram que não anda bem.

— É verdade, estou chateado com essa história das pessoas nessa região sempre me passando. — Então quando dizem: — hoje vou passar o dia sem fazer nada. Não aguento!

— Mas por quê? Como gostaria que fosse?

— Não sei exatamente. — Mas não tenho estado bem. Falta algo.

— E para você Noite? — Nada lhe falta.

— Não, nada me falta. — diz a Noite.



— Como é possível, questiona o Dia?

— Bom as pessoas normalmente me usam para dormir. Não, que não façam outras coisas. Mas em geral, só desejam que eu passe quando precisam fazer algo importante no outro dia. E a mim se referem com simpatia. Volta e meia eu escuto. A noite é uma criança! E você, já tentou conversar com o Tempo pra ver se pode te ajudar.

— Mas não é o Tempo que também passa?

— Não o Tempo que eu saiba voa. Não sei sobre ele passar. Com certeza, insiste a Noite, O Tempo cura tudo, então, deve tudo resolver.

— Mas, o Tempo não para.

— Mas com certeza vai ter um tempinho pra você Dia. Vai! Procura ele.

Então o Dia resolveu seguir o conselho da Noite e foi atrás do Tempo. Encontrou com ele logo após a troca de plantão e foi procurá-lo. Não ficou surpreso quando entendeu que ele também já estava sabendo de seu problema. Pensou. O Crepúsculo é mesmo um fofoqueiro. Mas enfim... O Tempo então questionou o que afinal o incomodava tanto, já adiantando antes de ouvir o relato em detalhes que achava normal as pessoas fazerem comentários. Falando que dele próprio diziam com frequência e de forma antagônica, Tempo bom, Tempo ruim... as vezes reclamam do calor excessivo. Que calorão! Vem a chuva pra dar uma refrescada. Que tempo úmido! Se faz frio. Tempo maldito, etc.

— E todos esses fatores, segundo o povo é responsabilidade minha. — Estou sempre escutando. Que tempo louco! Por isso as pessoas ficam doentes, e outras coisas mais.

— E você não se chateia? — Mas e o Clima? Não seria o verdadeiro responsável por essas variações todas? — Pergunta o Dia ao Tempo.



— Sim. — Diz o Tempo. — Mas ele não se importa e diz que a culpa é do ser humano que não respeita a Natureza.

— Mas me diga Tempo. O que faria no meu lugar pra se sentir melhor?

Pensou, e em um passar de tempo disse: — Procure as crianças. Elas são sábias.

O Dia seguindo o conselho do Tempo, esperou a troca de plantão e foi falar com a Noite, Já que os humanos diziam que ela era uma criança. Encontrando com a noite, notou que ela estava feliz e contou a ela o porquê foi procurá-la, lamentando o pouco tempo que tinham juntos para resolverem seu problema.

— Ai! Ai! Suspirava a Noite. — Se eu pudesse estar mais tempo no dia. Ah! — Eu aproveitaria bem mais a claridade. — Mas não serei eu a resolver seu problema Dia.

— Pelo que entendi o Tempo te mandou ouvir as crianças pessoas e não eu.

Então o Dia foi atrás das crianças e começou a prestar atenção nelas. Foi em regiões e locais variados. Vilas, favelas, bairros, e ficou a escutar. A primeira coisa que notou era o fato de que elas gritavam muito. Diziam em coro, muitas frases.

Não quero que o dia passe! Que dia lindo! Tem Sol. Vou na praça, praia, pátio, vou brincar. Está chovendo. Oba Banho de chuva. Está nevando. Vou construir meu boneco de neve.

Diante dessas manifestações o Dia ficou feliz e mesmo sabendo que não poderia ser ouvido resolveu perguntar: O que vocês fazem com seu dia? Qual foi sua surpresa ao ouvir que respondiam. Viva, viva o dia!

O Dia satisfeito foi para mais uma troca de plantão, sentiu-se constrangido de falar pra noite de sua felicidade. Notara em suas conversas que a noite estava confusa e sentiu-se culpado. Ele agora precisava agradecer o que ela tinha feito por ele.



— Olá, bela Noite.

— Olá. — Vejo que está radiante. — Então Conseguiu resolver seu problema?

— Sim. Mas agora quero agradecer também te ajudando. Eu estava tão concentrado em meu problema que não enxerguei mais nada. Preferi acreditar que não te faltava nada Noite.

E de fato. Nada me falta.

Mas achei que te faltava mais tempo no dia.

É verdade, poderia ter mais. Mas no pouquinho que tenho já fico feliz.

Pois depois que consegui com um pouquinho de tempo te ajudar, o pouquinho passou, Amém, a mim bastar.



Nequinha

Marcel Fernando da Silva

A respiração de Nequinha estava lenta. Uma suavidade estranha. Uma calma emergente, que aumentava significativamente. Nunca havia sentido isso. Passou pela vida segurando o ar para não ser percebida. No dia do seu vigésimo terceiro aniversário ela sorriu olhando o sol nascer, surpresa com o alívio que a invadia. Parecia, até mesmo, que o coração não existia, pois não o sentia batendo.

Ganhara o apelido na infância, ainda não era menina, mas se imaginava como uma. O seu Antônio, dono da padaria, chamava-a de “menininha”, enquanto alisava seu corpo. Pedia sempre que ela o esperasse nos fundos do prédio em que ele trabalhava e, depois de tocá-la, dava-lhe uma sacola com pães velhos, repetindo que ninguém deveria saber das brincadeiras dos dois. Nequinha sentiu dor na primeira vez. Os dedos daquele homem a machucavam. Depois de quase um ano, ele pediu que ela se deitasse de bruços, e a dor foi maior ainda. A menina ficou com muito medo. Pedindo que ele parasse, foi imobilizada pelo peso e as mãos do seu Antônio. Ele lhe bateu.

A avó que a criara, chamava o sexo de flor, para evitar o nome grande. Então, Nequinha pensava que tinha uma florzinha. Não como a margarida, mas como o copo-de-leite. Ela sabia, desde sempre, que era uma garota. Viviam em uma favela e nem sempre tinham o que comer. Quando aquele homem fez a oferta em troca do seu corpo, a menina, com doze anos naquela data, aceitou. Chegando em casa, disse a avó que o padeiro daria os pães velhos no final do dia, pois ninguém iria comprá-los. A anciã não contestou. A fome era maior que a dúvida.



Seu corpo foi crescendo e outros homens-meninos-velhos também a procuraram, escondidos. No mato, no carro ou em casas abandonadas. Ela aprendeu que o sexo devia ser oculto, porque, como seu Antônio falara: “é o nosso segredinho”. Os caras fingiam que não a conheciam quando a viam na rua e, se ela ousasse dar um oi, apanhava. O tempo ensinou o porquê. A avó, testemunha, sempre dizia — homem-macho gosta de bater.

Todos queriam o mesmo. Gozar e ir embora. Nenhum deles a enxergava de verdade. A imagem diante do espelho era diferente do que o corpo materializava. A moça por trás da imagem desejava mais. Queria ser amada, ser mulher de um homem forte, só seu. Por um tempo, saiu com um vizinho da rua debaixo. Vladimir era bom. Beijava, abraçava e, mesmo depois de gozar, ainda ficava com ela. Nequinha teve esperança e falou que gostava dele. Ele riu. Depois ficou irritado e bateu em seu rosto. A boca sangrou. Ameaçou mata-la se a moça contasse algo pra alguém. Ele tinha uma mulher de verdade. — Veado é penico de porra!

Abandonou a casa em que morava com a avó e decidiu sair da favela. Iria ao centro da cidade conhecer o mundo. Havia completado quinze anos dois dias antes. Na sua noite de estreia na cidade, conheceu a Claudiona.

Era uma moça como ela, mas tinha seios. As duas conversaram e a mana-mona disse que Nequinha seria disputada nas calçadas. Também disse que arranjaría o silicone pra pôr nos peitos dela. Depois se acertavam. Ela poderia morar no quarto da Claudiona até conseguir se manter sozinha. E assim fez.

Dormiu no cômodo pequeno com a amiga e no outro dia teve um sonho realizado. Foi maquiada pela primeira vez. Depilou-se, vestiu-se com um vestido curtinho e foi ensinada a *aquendar*, para disfarçar o pequeno volume entre as pernas. A mana também emprestou um sapato de salto e, mesmo sem peitos volumosos,



o final daquela transformação mostrara o quê, de mais perto, era sua imagem interior. A amiga apresentou-a para as meninas da noite e começaram a andar pelas ruas iluminadas. Já era tarde e os trabalhadores haviam rumado para suas casas. A cidade esvaziada começava a exhibir aqueles que se ocultavam na sombra.

Nequinha estava radiante e ficou ainda mais quando um homem parou o carro na calçada em que as duas estavam e perguntou quanto custava. Abriu a porta, convidou-a para entrar e os dois seguiram. O homem gozou nela dentro do veículo e, ainda por cima, pagou! Fizera-se prostituta, sem muita noção do que aquilo significava.

Sua nova trajetória não seria feliz. Vários clientes eram maus. Uns não queriam pagar, outros batiam nela. Até os bons batiam de vez em quando. Nesses momentos, lembrava-se do que a avó dizia — homem-macho gosta de bater. Sentia saudades, porém não voltaria. Lá na favela, ela só conheceu os restos da vida. Ela mesma foi um resto. Ao menos, nas ruas, poderia ter os homens que quisesse e ainda ganharia para isso.

Dividia o dinheiro com a Claudiona, porque tinha que pagar o quarto e ainda, o silicone industrial que a amiga prometera. Seus seios não ficaram grandes, no entanto, algo dentro dela pulsava de felicidade. Seu corpo estava o mais perto possível, daquilo que via refletido nos espelhos do mundo. A amiga sempre arranjava algo mais para cobrar. Seu dinheiro era minguado e, por fim, mal dava para sustentar-se. A *mona* ficava com quase tudo.

Ela tentou aprender outros ofícios e chegou mesmo a juntar um *acuézinho* para fazer cursos de cabelo e maquiagem. Conhecia várias *bonecas* que ganhavam a vida nos salões de beleza. Sabia que algumas também se prostituíam, fosse para sustentar luxos ou lixos. A vida delas resumia-se nisso e todas sempre apanhavam. As ruas eram mais livres e, por fim, desistiu rapidamente de suas pretensões.



Quando completou vinte e dois anos, conheceu Paulo. Ele era taxista. Na primeira noite em que saíram, Nequinha estranhou. O homem beijava o sexo dela. Ele era diferente, mas a tratava bem. Queria que ela gozasse também. Dizia que ela merecia, porque era a mulher mais linda que ele conhecera. Ela sentia-se assim. Agora, com seu novo corpo e, devidamente maquiada, muitas mulheres não passavam de *Irenes* perto dela.

A menina-mulher ficava contente cada vez que Paulo aparecia. E ele vinha quase todos os dias. Até que, sem mais, nem por que, convidou-a pra viverem juntos. Nequinha tinha encontrado seu homem, e o primeiro mês foi maravilhoso. Os dois aproveitavam todos os momentos juntos, sempre dentro de casa. O marido não gostava de ser visto na rua com ela e dizia que tinha ciúmes.

Paulo queria sempre mais do seu corpo. Às vezes, passava em casa durante o dia e o amor entre os dois acontecia. Seu homem era bom, mas disse que tinha pouco dinheiro, que o trabalho estava ruim e que ela precisava ajudar. Nequinha perguntou como faria e ele respondeu tranquilamente: faça aquilo que você faz de melhor. Chateada, foi novamente para as ruas, fazendo sua parte. Ele ficou feliz. Ela já havia pago quase todo o valor do silicone para a Claudiona e a amiga, que não havia gostado de perder sua companhia, nunca mais foi a mesma.

Os meses foram passando. Paulo bebia e gostava de cocaína. Vez ou outra pedia dinheiro para Nequinha e ela, para vê-lo feliz, dava. O pó o deixava agressivo e ele batia, mas ela aceitava, porque era amor. Tapas de amor, mordidas de amor, socos de amor. Ele tinha ciúmes e batia. Ele queria vê-la gozando e batia. Por vezes, seu corpo mudava de cor, depois de tanto amor. Roxo-amor, vermelho-amor amarelo-amor ou verde-amor. Ele dizia que gostava de ouvi-la gemendo de prazer. Homem-macho gosta de bater.



As dívidas do marido com os traficantes ficaram altas, e ele muito brutal. Pegava o dinheiro da mulher muitas vezes sem pedir, pagava suas contas e amanhecia os dias na rua, bebendo, cheirando e, o mais triste para ela, comendo outras. A menina vira as marcas de batom em suas cuecas, mas lembrou-se dos homens que tivera antes. Aqueles que deixavam as mulheres e a procuravam para se divertir. Achou melhor não dizer nada, pois sabia que os homens sempre voltavam para as esposas no final. Ela não queria perder o seu.

Sua rotina resumia-se entre as calçadas noturnas buscando clientes e sua casa, com o marido, que por fim, estava fora de si, com tanto raio no corpo. Ela precisava cuidá-lo, senão outra cuidaria. O que mais existia eram mulheres querendo um macho forte para ficar com elas, e Nequinha sabia que muitas adoravam apanhar.

Porém, após uma noite chuvosa, quando voltou para casa no fim da madrugada, sem nada, Paulo deu-lhe um tapa no rosto. Gritava e exigia o dinheiro, pois devia na boca e o traficante não iria esperar. Nequinha ficou sem ação e disse que ninguém havia parado. Chovera muito e nessas noites o movimento diminuía. O marido estava com os olhos vermelhos de raiva e deu-lhe um soco. Ela chorou acuada. Diante da negativa da companheira, tornou-se irreconhecível e agrediu-a sem parar. Ela sofreu, clamando por um tempo que pareciam ser horas e, quando não aguentou mais, desmaiou.

Acordou com o raiar do dia. A chuva estava parando e ela estava leve. Não sentia seu corpo, nem o coração, apenas um gosto rubro na boca. Abriu os olhos e viu a porta escancarada, deitada no chão da sala. As primeiras luzes da manhã apareciam para desfazer as sombras daquela noite terrível. O respirar manso, quase sem forças, era um alívio depois da dor. Seu homem não devia estar em casa, mas quando retornasse, estaria mais calmo e eles voltariam a ser um casal feliz, porque era seu aniversário e ele lembraria. Suspirou pela última vez com saudade. Homem-macho gosta de bater.



Acidente da matéria

Iago Spellmeier Zuchi

Na década de 1970, a Universidade Politécnica de Berlim já era um dos maiores berços de ideias da Alemanha Ocidental. O ar era mais fresco naquela época. Grupos de jovens sonhadores brotavam de todos os cantos, discutindo tecnologia, ciência, filosofia e política. Tinham na mente a doce convicção de que, um dia, mudariam o rumo da história com suas obras. Enquanto esse dia não viesse, estariam ocupados com estudos, pesquisas e, eventualmente, um pouco de sexo, drogas e rock-'n'-roll.

Mas não veio. Os anos de ouro foram ficando para trás e, junto com eles, os sonhos. Dentre as turmas de 72, por exemplo, alguns alunos até ascenderam a cargos importantes em grandes empresas, ou então acumularam algum reconhecimento na academia, mas logo se acomodaram. Casaram-se, tiveram filhos e todos eles esqueceram suas fantasias de grandeza. Todos eles, exceto Victor Millsen.

Alguns tipos peculiares já tinham passado por aquela instituição, mas Victor foi, sem dúvida, o caso mais exótico. Se, por um lado, não gozou tanto da flor da mocidade, por outro, sempre inspirou uma profunda admiração - ou mesmo inveja - no íntimo dos seus colegas de Engenharia Robótica. Quietos, reservados e dono de um raciocínio sem igual, o rapaz passava quase todo o seu tempo estudando ou montando máquinas, e só descansava quando era estritamente necessário. Isso não quer dizer que fosse insensível. O fato é que Victor sentia um prazer especial em perceber-se agindo de acordo com a razão, e tal como dois mais dois são quatro, ele achava mais racional empregar seu tempo em atividades construtivas. Embora



seus colegas também pensassem assim, nenhum deles tinha a energia nem o espírito kantiano para pôr essa simples filosofia em prática.

Já nos primeiros semestres, as invenções de Victor foram elogiadas pelos professores mais criteriosos da universidade. Suas mãos habilidosas deram origem a membros cibernéticos, brinquedos robóticos, máquinas para serviços domésticos e várias outras proezas tecnológicas. O jovem passou a se esforçar mais do que nunca, pois a satisfação que sentia diante dos frutos do seu trabalho inflava a sua ambição e lhe servia como um poderoso combustível.

Aconteceu que quando a solitária Sophie ingressou no curso, ela se descobriu perdidamente apaixonada pelo gênio calculista de Victor. Conheceram-se em um projeto sobre inteligência artificial e atraíram-se pela semelhança de temperamento. Logo perceberam que trabalhavam muito bem em dupla e, como se o destino os tivesse unido - hipótese que ambos descartavam -, começaram a namorar após algumas semanas. Tratava-se de um amor mais intelectual do que carnal, porque temperado com a paixão pela técnica. Ela o amava como namorado e como homem brilhante que era. Ele a amava como assistente.

Nos anos que se seguiram, auxiliado pelas mãos e pelo cérebro de Sophie, Victor concebeu verdadeiras maravilhas da robótica. Não precisou de pós-graduação, pois percebeu que aprendia melhor no seu espaço, por autodidatismo. Enquanto seus ex-colegas reclamavam da família ou das contas, ele acumulava fama e riqueza dignas dos sonhos mais ousados. O dinheiro que ganhou foi o bastante para financiar uma equipe altamente formada e ordenar a construção de uma casa isolada no campo com um laboratório tão sofisticado quanto poderia imaginar. Em pouco



tempo, não restou uma alma viva na Europa que não tivesse ouvido falar das fabulosas invenções de Victor Millsen.

E não foi por acaso. Os poucos amigos do inventor sabiam como sua rotina era calculada. Victor acordava às 6h em ponto. Metodicamente, dirigia-se à porta do seu quarto e aplicava um torque de 1,8 newton-metro na maçaneta, só o suficiente para abri-la. Andava a passos ligeiros até o toalete, onde sua empregada deixava sempre uma toalha e roupas limpas numa quantidade inversamente proporcional à temperatura ambiente. Evacuava. Após se higienizar, entrava no box e tomava uma ducha morna de 5 minutos. Secava-se e vestia-se com rapidez. Dirigia-se às escadas e descia os 15 degraus que as compunham, um de cada vez para evitar acidentes. Na cozinha, tomava o café da manhã equilibrado de 260 quilocalorias que lhe preparavam. Escovava os dentes. Em seguida, dirigia-se ao laboratório, que distava 47 passos de sua casa. Chegava ao local às 6h20 e ficava por lá até as 21h35, trabalhando em seus projetos misteriosos, com brevíssimas interrupções quando necessário. De volta ao lar, tomava seu chá de camomila acompanhado por exatos 2 pedaços de *Apfelkuchen*. Após escovar os dentes, dessa vez com maior dedicação, voltava à sua cama para dormir o sono dos justos.

A doce Sophie não era tão produtiva quanto ele, mas muitos diriam que vivia com maior qualidade. Trabalhava no laboratório entre as 13h30 e as 17h. Pela manhã, gostava de cuidar do seu jardim, tocar violino e ler boa literatura na varanda, apreciando o canto dos passarinhos. À noite, frequentemente saía para assistir a uma peça, um filme cult ou um concerto de música erudita. Não é preciso dizer que era mais afeita às artes e às questões profundas da vida que seu namorado.

Tanto que, de vez em quando, ela vinha com perguntas embaraçosas para Victor responder, seja por diversão, seja por



interesse genuíno. O questionamento que mais o perturbou - e também o último - foi o de 13 de dezembro de 1987. A essa altura, já estavam casados havia mais de cinco anos. Tinham acabado de comemorar o aniversário dele no quarto com champanhe, petiscos refinados, uma valsa particular ao som de Tchaikovsky e o resto. Quando já estavam satisfeitos e prestes a pegar no sono, eis que surgiu a dúvida.

— Victor?

— Sim?

— Qual é o sentido da vida?

Silêncio completo. O aniversariante notou uma expressão cômica na face de sua mulher e retribuiu o sorriso.

— Só você pra me atazanar com essas perguntas no dia do meu aniversário. Tenha dó, querida!

E forçou uma risada para ela não pensar que estivesse falando sério. Fechou os olhos e tentou dormir. Não, definitivamente não estava preocupado com aquelas bobagens. No dia seguinte, iria terminar seu protótipo de limpador de telhados automático. Só faltava aprimorar o sistema de interrupção para casos de emergência e... Mas será que a pergunta de Sophie era tão estúpida assim? Afinal, o que pode ser mais importante que o sentido da vida? Decerto não um limpador de telhados.

Abriu os olhos. Mirou a mulher ao seu lado, que já estava dormindo. Gostava dela, disso não tinha dúvida, mas não achava que ela ou qualquer outra pessoa pudesse representar algo tão essencial como o propósito da sua existência. Quanto à carreira? Embora amasse o que fazia e proporcionasse algum conforto com suas invenções, não era esse tipo banal e arbitrário de sentido que estava buscando. Não pensava especificamente na sua vida. Ele queria saber se há algum princípio universal valorativo para o qual valha a pena viver. Algo que seja importante e valioso *por si*, não por uma mera convenção



individual. Ora, tanto Sophie quanto sua carreira, ou mesmo a humanidade eram passageiras e insignificantes para o universo, então por que se esforçar tanto por elas?

Victor mal conseguiu dormir naquela noite. Levantou com dor de cabeça às 9h do dia seguinte. Começou o trajeto até o laboratório, mas logo parou, refletiu e concluiu que suas bugigangas poderiam esperar. Numa rara quebra de rotina, andou até a biblioteca privada do casal e explorou avidamente a seção de metafísica da esposa.

Sophie, apreensiva, foi a primeira a notar a transformação do marido. Victor quase não trabalhava, comia pouco e dormia ainda menos. Passava dias folheando livros, anotando, pensando, fazendo tudo que podia para achar uma resposta satisfatória ou ao menos um bom caminho para responder a sua pergunta. Percebeu que os livros que tinham eram pouco esclarecedores, pelo que passou a frequentar assiduamente a biblioteca pública mais próxima de sua casa. Ficou semanas devorando as obras que lhe pareciam pertinentes ao assunto, desde os clássicos gregos e romanos, passando pelos medievais e os pensadores da Idade Moderna, até os contemporâneos - ainda que estes, em geral, tivessem abandonado a metafísica. Contudo, quanto mais ele procurava, mais se convencia de que sua busca era infrutífera. No fim das contas, o que poderia dar sentido àquela sopa universal de matéria? Deus? Não achara nenhuma demonstração inequívoca de sua existência, e fé não bastava para convencê-lo. Algum tipo de Bem absoluto? O problema era o mesmo. Nada daquilo podia ser testado num laboratório.

Depois de meses sem entregar nenhum aparelho para o mercado e sequer fazer contato com seus sócios e colaboradores, alguns deles foram investigar pessoalmente o que se passava com Victor. Encontraram-no com péssima aparência, lendo livros sobre engenharia quântica e montando uma suposta “máquina



de sentido”. Quando questionado sobre sua sanidade mental, ele afirmou que gozava do pleno uso da razão, mas estava muito ocupado para longas conversas.

— A situação é simples, cavalheiros. Ao que tudo indica, a vida não tem sentido algum.

Portanto, não há nada mais racional do que inventar o sentido da vida.

Victor despendeu todos os seus esforços ao longo de quinze dias para fazer sua máquina funcionar. Ao fim desse período, concluiu que nenhuma obra da técnica humana poderia dar sentido ao universo vazio em que vivia. “Fazer o quê?”, pensou o inventor com indiferença. Metodicamente, apanhou uma pequena bolsa, uma caixa de fósforos e um galão de gasolina de 20 litros com 24% de álcool etílico. Espalhou o conteúdo de maneira precisa e uniforme por todo o seu laboratório, incluindo projetos, invenções, computadores, bancos de dados e equipamentos em geral, alguns deles bastante inflamáveis. Fez uma trilha de gasolina de 52 passos enquanto se afastava, até esvaziar o galão. No final, acendeu um fósforo aplicando uma aceleração de 6,7 metros por segundo ao quadrado e o atirou na trilha. Viu calmamente a enorme estrutura sendo consumida pelas chamas. Depois disso, puxou o zíper da bolsa e sacou sua Korth Combat, calibre 357. Abriu o cilindro, depositou uma bala dentro e o fechou. Em seguida, destravou a arma, inseriu o cano frio até o fundo de sua boca e puxou o gatilho.

Um ar de choque e incompreensão generalizado pairou sobre o funeral de Victor. Sophie, desconsolada, ao menos achou uma forma póstuma de homenageá-lo. Lembrou-se da ocasião, ainda na faculdade, em que seu marido revelara qual gostaria que fosse seu epitáfio. Então, ela pediu à agência funerária que o gravasse no túmulo: “Aqui jaz um homem que viveu guiado pela razão. Descanse em paz, Victor Millsen.”



Flores: palavras que a terra diz

Estella Maria Bortoncello Munhoz

Era uma biblioteca. Uma construção antiga, cor-de-rosa com janelas e portas brancas. Árvores e flores rodeavam a construção. Dentro, livros e corredores como qualquer outra biblioteca, mas, para a moça, aquela era a única: não conhecia nenhuma outra. Escapava de casa todas as quarta-feira às cinco horas. Podia ir sozinha, mas não deveria demorar. Gostava do caminho que a levava até os livros e gostava dos livros que a permitiam conhecer outros caminhos. Embora nunca tenha saído daquele lugar. Com os pés leves e apressados agradecia pelas letras que a esperavam, ora juntas ora separadas, formando palavras que ela sabia ler.

A biblioteca era silenciosa, mas desde a semana anterior a moça ouvia música ao entrar. Não havia nenhum instrumento, nenhum rádio. Só um novo rapaz trabalhando na biblioteca. Era estranha aquela melodia tão suave, mas ela não se incomodava. Escolhia seu livro, levava ao balcão, na semana seguinte o devolvia, escolhia outro e o ritual se renovava. Não trocava uma palavra com ninguém. Não gastava suas palavras. Cumprimentava com o olhar. E não podia olhar muito.

Um dia, o rapaz quebrou seu ritual. Na estante onde a moça estava, deixou um livro com uma minúscula flor quase esmagada entre duas páginas. Não falou com a moça, mas a moça sabia que o livro era para ela. Ela não olhou o título, não agradeceu e nem foi até o balcão. Saiu da biblioteca cheia de ruídos na cabeça, carregando o livro pequeno nos braços. Ainda pelo caminho parou para olhar: abriu na página marcada pela amassada margarida e leu o trecho destacado: *Se no coração não possa por acaso me*



levar, moça de sonho e de neve, me leve no seu lembrar. Sorriu por dentro e por fora, molhou o sorriso com uma única lágrima. Sentindo-se corajosa, arrancou o trecho do livro e guardou para si embaixo de sua cama dentro de um envelope. Queria fazer parecer uma carta de amor. Era sua primeira. A flor, ela deixou em cima da mesinha, dentro de um copo com água.

Na semana seguinte, voltou à biblioteca. Devolveu o livro para o rapaz, que o abriu e viu a folha faltante. Ela não tinha medo de ser repreendida pelo crime. Eram cúmplices. Não gastou uma única palavra, apesar de ter muitas para dizer. Naquela tarde, a biblioteca parecia estourar com a Cello Suíte no 1, mas ela não lembrava direito se era esse o nome. Foi até a mesma estante de sempre à procura de um novo livro. Não procurou nenhum, pois o seu já a esperava. Pela primeira vez olhou para o rapaz, que a olhava há pelo menos sete dias. Sorriu e levou o livro consigo. Uma nova flor, uma nova página, um novo trecho: *Basta-me um pequeno gesto, feito de longe e de leve, para que venhas comigo e eu para sempre te leve*. Um novo crime: outra página arrancada, roubada, beijada, guardada em seu quarto. Agora, havia no vaso improvisado, um ramo de lavanda posto ao lado da margarida.

Na terceira semana, ela era o próprio Andante Festivo que vibrava pelo caminho até a biblioteca. Corajosa, dirigiu-se até o balcão e olhou para o rapaz. Estendeu os dedos trêmulos e devolveu o livro no mesmo instante em que ele ofereceu a sua mão com um novo verso e uma nova flor guardado entre as folhas. Os dedos macios da moça e os dedos quentes do rapaz se encontraram nervosos e suaves, misturaram-se com as palavras dos livros, escorregaram, abraçaram-se, afastaram-se. Ela saiu inquieta, ansiosa. Não se despediu porque não queria ir embora. O pequeno jasmim guiou seus olhos até o trecho: *O amor é uma companhia. Já não sei andar*



só pelos caminhos, porque já não posso andar só. Ela repetiu o seu novo ritual e guardou cada um dos presentes no lugar mais escondido que habitava nela.

Cinquenta e duas quartas-feiras, cinquenta e duas flores, cinquenta e dois trechos. Lírio, violeta, lisianthus, begônia, clivia, rosa, amarílis, alecrim. Clarice, Pessoa, Vinicius, Bilac, Camões e outros mais, sim. Uma orquestra de páginas e páginas arrancadas, confissões veladas e alguns passeios de mãos dadas.

Como em várias outras quartas-feiras, nesta, a moça foi à biblioteca guiada por Clair de Lune dentro de si. Era de fato lua cheia e a tardezinha estava bonita e melancólica. Os pés leves, mas agora confiantes, dançavam sobre o caminho tão conhecido. Embora toda a sua sintonia tenha parado quando a porta se mostrou fechada. O silêncio tomou conta da moça por inteiro. Os braços firmes que abraçavam o livro enfraqueceram. Os dedos voltaram a tremer. A tremer e a bater na porta. A bater no ritmo da música mais dolorida que a moça já sentiu. A porta nunca mais se abriu. Uma placa a interditava. Do outro lado da parede, os livros com páginas faltantes, as estantes distantes, quem sabe o rapaz que não voltaria mais. Arrastado, amassado, forçado, retirado daquele lugar. Todas as palavras da moça foram guardadas junto às memórias nubladas das semanas vividas. Nenhuma flor para indicar o caminho até algum verso. Estava perdida. Nenhuma palavra de despedida que pudesse ter sido trocada.

Sentada no degrau frio, ao lado do livro, a moça se sentiu oca. O eco do nada dentro do buraco aberto no meio do peito a dor o desespero a lágrima corria ninguém a via queria morrer se abrir sumir mas não podia estava vazia não enxergava nada o luar não mostrava não sabia como voltar não queria partir queria gritar chorar não tinha lágrima não tinha nada não sabia falar uma



palavra não ouvia não existia se colocou para dentro e por fora quase morria tinha raiva tinha medo não entendia pedia socorro ninguém a via se contorcia se doía não sentia nada era vazia. Sentia tanto.

Nunca mais ia sentir nada. Voltou para casa com tantas lágrimas que foi capaz de regar cada uma das flores do seu pequeno copo. Nenhuma estava seca, só a moça murchava. Os trechos guardados nunca mais foram visitados, mas jamais foram postos fora. Nenhum outro livro foi aberto e nenhuma outra música chegou até seus ouvidos. Os primeiros fios de prata brotaram em sua cabeça.

Durante vinte e um anos o buquê de flores jamais morreu.

Num dia, quando nada a esperava e ela esperava o nada, ouviu três notas de piano. Não compreendia, não sabia que ainda ouvia. Achava que nem mais via, sequer existia. Abriu a porta à procura do som e viu diante de si o olhar luzidio do conhecido e agora envelhecido rapaz. Viu em suas mãos o mesmo buquê com as mesmas flores que estavam dentro do copo em cima da sua mesa. Ouvia da boca dele os mesmos versos guardados embaixo de sua cama. Todos na mesma ordem que recebera durante as cinquenta e duas semanas. Sentia tanto. Todas as palavras voltaram para ela, mas não foi preciso dizer nenhuma. Deslizou para dentro daquele abraço urgente e lá ficou enfim.



Cartas de uma desconhecida

Vitória Allmer

Eu estava cercada por problemas. Nesses momentos, muitas ideias surgem pela cabeça, mas nenhuma parece ter chance de funcionar. Assim, o que me restou foi uma pilha de currículos e uma lista de lugares. Eu pensava que encontrar um emprego não era tão difícil assim, até que dias se transformaram em semanas e semanas em meses, fazendo minhas dúvidas crescerem.

Em um dia desses, no meu apartamento – obviamente, com o aluguel atrasado – eu estava vasculhando por mais e mais oportunidades, mínimas que fossem. Então, aparece Tommy em meus pés com sua coleira na boca. Quer passear. É claro que ele me convenceu rapidinho, como sempre. Me preparei para sair, mas parei quando cheguei ao tapete, onde havia uma carta, provavelmente passada por baixo da porta. Em um piscar de olhos, o papel estava em minhas mãos e eu já rasgava o envelope. Talvez pudesse ser a resposta de alguma empresa.

“Faça o trabalho, receba o dinheiro. Rua Nove, apartamento 3”, era o que dizia na carta, escrita à mão. Virei a carta para conferir os dados, mas não tinha nada além da data de envio. 20 de março de 2022. Um arrepio passou por todo o meu corpo quando li aquilo.

– Tommy, hoje é dia vinte de março. De 2023 – falei ao filhote, recebendo uma cabeça inclinada e nada mais.

Depois de uns bons minutos em conflito, acabei me convencendo de que aquilo tinha muitas chances de ser uma brincadeira das crianças do prédio. Então, coloquei o papel no bolso e fui me preparar para mais uma jornada em busca de emprego, não antes de levar Tommy para seu merecido passeio.



Ao longo daquele dia, percebi que algo muito estranho acontecia. Andando pela cidade, eu notei que a maioria dos caminhos que eu escolhia me faziam passar pela Rua Nove. Era como se o local fosse o pólo de um imã, me atraindo a todo momento. Não aconteceu uma ou duas vezes, mas seis vezes até eu decidir que não custava nada, afinal, dar uma olhada no que me esperava por lá.

Era uma casa normal, com o portão da garagem aberto. Entrei e não encontrei ninguém lá, somente um embrulho com um bilhete em cima. Mais um recado escrito à mão. Já adianto que não gosto nada disso. Não custava nada mandar um email ou mensagem.

“Olá, Aurora. Entregue este pacote na casa de seu vizinho, Marcos. Coloque lá e bata na porta, só não deixe que ninguém te veja.” Num primeiro momento, não achei estranho que a pessoa soubesse meu nome, ou o do meu vizinho, afinal, alguém havia entregado uma carta em meu apartamento, certo? Alguma informação eles teriam de saber. O que me intrigou foi a semelhança dos acontecimentos. Uma carta no tapete da entrada e um pacote na frente da porta, ambos sem nenhum entregador.

Bem, o serviço não era no caminho de casa, era ao lado. Peguei o embrulho e segui até meu apartamento. Pensei que, assim como a carta, o pacote seria inofensivo. Então, quando cheguei, fiz o que me foi pedido e entrei correndo em casa pra ter certeza que ninguém ia me pegar no flagra. Depois disso, segui o dia normalmente e, quando fui dormir, fiquei me perguntando como receberia o pagamento.

No dia seguinte havia outra carta. Assim como nos próximos dez. Segui indo a diferentes locais, às vezes perto e às vezes longe de casa, pegando e entregando cartas ou pacotes. Era sempre trabalho para um dia e, no dia seguinte, junto com a próxima carta havia sempre o pagamento. Não era nenhum valor exorbitante, mas já ajudaria, e isso me deixava mais tranquila, pois quanto maior o valor mais suspeito seria o trabalho, certo?



Quanto às datas de envio das cartas, elas ficavam cada vez mais próximas da atual: seis, três, um mês, quinze dias, uma semana. A última carta normal que recebi era de um dia antes. Foi no dia 31 de março.

Chega então primeiro de abril, o dia da mentira. Eu digo que não havia dia melhor para acontecer o que narro a seguir. Assim que acordei, fui até a porta pegar a carta, como fiz nos últimos dias, mas não tinha carta, nem sinal dela. Embaixo do tapete, do lado de fora da porta, eu conferi até mesmo na cama de Tommy. Não achei a carta em lugar nenhum, até que desisti de procurar, dizendo que merecia mesmo um dia de folga. E foi o dia mais entediante das duas últimas semanas.

Passei o dia um tanto quanto preocupada com a falta da carta, mas também pensando sobre os perigos que poderia estar correndo ao trabalhar para alguém que eu nem sabia quem era. Quais as chances de ser algo ilegal, ou de os pacotes serem bombas que explodiriam quando a caixa fosse aberta? Se bem que a primeira entrega foi ao meu vizinho, e não houve explosão. Enfim, pensamentos assim passaram pela minha cabeça até a hora em que fui dormir, meio agitada por não ter gastado tanta energia quanto o normal.

Acordei no outro dia um pouco ansiosa, confesso, pra descobrir o desfecho. Havia uma carta! Quase pulei de alegria e corri para alcançá-la. A primeira coisa que notei foi a data. 2 de abril. A carta era do mesmo dia. Abri-a para descobrir o que viria a seguir, mas exitei um pouco ao ler as palavras, escritas por outra pessoa, com a caligrafia completamente diferente. “Não acredite nas mentiras dela”. Bom, pode-se imaginar o efeito que isso traz para uma pessoa que passou o dia anterior pensando sobre os possíveis perigos de seu trabalho atual.

Logo em seguida, como se conjuradas pelas palavras lidas na carta, ouço três batidas, lentas, na porta. Alguém estava lá.



A mulher que encontrou as almas

Fabiola Pelissoli Ferri

A fumaça do café corria solta pela casa de madeira. Tão alta e tão sutil, andava pelos cômodos como se por alguém procurasse. Aqui no quarto, alguém? Nada se pode ver. Talvez no quintal. Ali estava! O cheiro amargo do café recém comprado chegou até ela, aguçando seus sentidos. “Talvez seja hora de tomar um café”. E lá foi Margareth. Assim que chegou à cozinha, pegou a caneca roxa que deixava em cima da pia para que o contato fosse mais prático. Encheu-a, sentou-se na cadeira de madeira acinzentada e pôs-se a ler o jornal aberto em cima da mesa. Primeiro, ligou sua rádio, tocava *The Jean Genie*, do Bowie. Entre um “*Talking ‘bout Monroe and walking on snow white*” e “*The Jean Genie loves chimney stacks*”, ela lia a notícia de que havia um novo caso de envenenamento de gatos em seu bairro. “Coitados, pobres almas”, pensava, ao mesmo tempo que ficava feliz por não serem os seus próprios gatos, seus esquilos, ou seus três cachorros monstruosos. Todos eles foram encontrados na rua, assim, ao acaso. O destino realmente queria que suas únicas companhias tivessem quatro patas – ou três –, rabos peludos e penas para voar. Formavam uma ótima família.

Um grito no portão a fez despertar da leitura do jornal: era o entregador do mercado. Mag já nem lembrava mais dos pedidos que havia feito há meia hora, antes de tomar o café e ler aquelas notícias cruéis. O entregador esperava sempre do lado de fora do pátio, mesmo com total permissão para entrar.

— Querido, não quer entrar e tomar um cafezinho?

— Não se preocupe, Mag! Estou de saída para outra entrega.



Pegue aqui suas coisas, logo. Há carne fresca e não quero que o gerente reclame que eu entrego comida estragada para os clientes. Sabe como é...

— Claro! Tem razão. Pegou aquele pedaço que lhe pedi? Como aquele que havia no anúncio?

— Você sabe que sim, minha amiga. Seus pedidos são mais que especiais!

— Obrigada, Greg, você é o melhor! Será um maravilhoso lanche para os meus cachorros. Apenas a ração não está dando conta daqueles corpos enormes.

— Ah, sim...seus cachorros? Onde eles estão? Acho que nunca os vi pelo pátio.

Sempre tão quietos. Coisa boa, não? Assim não dão trabalho com as visitas.

— Como não está ouvindo? Estão gritando feito loucos dentro de casa. Parece que sentem o cheiro de longe!

— Devo estar ficando com a audição afetada por conta dos fones de ouvido. Agora preciso ir, Meg. Aproveite sua comida! Até mais!

— Até, querido! Tenha um bom dia.

A sacola de compras estava pesada. Margareth foi correndo até a porta dos fundos, a única que fica aberta na casa. Lá encontrou os três cães, Saturno, Urano e Netuno. Saturno era o mais novo de todos, de pelos curtos e marrons, com pequenas manchas acinzentadas e pescoço mais claro do que o resto do corpo e muito hiperativo e carinhoso, como os cães mais novos devem ser. Urano era o filho do meio, de pelos branquinhos e linhas alaranjadas, mais compridos e de rabo avantajado. Netuno era o mais velho e seu pelo, que deveria ser preto, era agora de um cinza cheio de contrastes e seu belo rosto carregava olheiras enormes. Quando Meg o encontrou, ele já era bem velhinho, mas sua terceira idade nada mais é do que um detalhe. Os gatos, não podemos nos esquecer, estavam espalhados pela mobília



aérea da casa, como se quisessem demonstrar superioridade para com os demais moradores. Os gatos eram, na realidade, um casal: a gata Florence e o gatinho Taylor. Florence era uma rara gatinha ruiva de olhos verdes, tão linda que parecia uma miragem. Taylor era um gatinho preto com branco, igual àquele que existe nos Looney Tunes. Os esquilos, bom...os esquilos viviam soltos por aí e comiam as sementes que ela mesma deixava propositalmente por cima da mesa. Antes não lhe mencionei, mas ela também possuía alguns pássaros, não em gaiolas, mas eles apareciam para ela e grudavam com se fossem amigos de anos e anos.

Meg separou os alimentos de sua compra: algumas frutas, para comer e dar a semente aos esquilos; potes de atum, para dar aos gatos; e pedaços grandes de carne para os cães. A moça acreditava que comida natural era muito melhor para o pelo dos bichanos, além de deixá-los mais saudáveis, ao invés de lhes oferecer uma comida industrializada e cheia de ingredientes que ela desconhecia totalmente.

Como seu dia começava cedo, dava tempo de sobra para preparar o almoço dos animais e depois preparar o seu. Depois do almoço, que não passava de uma torrada com uma xícara de café bem forte, Margareth passeava pelas ruas de seu bairro. Gostava de observar o balanço das árvores e a mudança das cores das casas. Por exemplo: todo mês a casa do senhor e senhora Burck mudava de cor, no mês de janeiro ela era de um azul celeste, agora em março, ela é da cor salmão. Já as janelas, estas nunca mudaram: são sempre brancas e cheias de adesivos nos vidros. Com seus bons 70 anos, o casal, desde que se mudara para lá, tinha um cachorro chamado Mike, que infelizmente morreu há três anos. Todos da vizinhança sentem falta dele. Era um belo Terra Nova preto com manchas, muito querido por todos e principalmente pelas crianças. Mas Mag até que não sentia tanto.



O roteiro do passeio era sempre o mesmo: ir até a última quadra da rua, na qual era cortada por uma avenida, depois voltar pelo outro lado da rua para observar melhor as casas do lado esquerdo. Ela fazia isso porque seu médico, o Dr. Frank, lhe aconselhou e, nas palavras dele “a caminhada ajuda a espairecer a mente e acalmar o coração”. Isso realmente acontecia, e lhe digo o porquê: em todas as suas caminhadas, a senhora Mag encontrou seus atuais animais de estimação. Virou rotina sair de casa depois do almoço e voltar com um novo membro da família. Acabou virando seu tipo de terapia. Sempre fora muito gratificante encontrar animaizinhos de rua que estavam ali. Parecia até que estavam esperando por ela. Hoje, especificamente, Mag decidiu começar o passeio pela rua de trás de sua casa porque queria mudar os ares, outrossim porque estava destinada a encontrar um novo animalzinho para sua família e, ultimamente, não havia encontrado mais nenhum pela sua própria rua. Dobrar à esquerda ou à direita era o primeiro dilema. Decidiu, então, dar uma volta na quadra inteira, assim não teria preferência por lado nenhum. Ao dobrar a esquina, deu de cara com o vizinho da casa de trás, o senhor Marshall.

— Senhor Marshall, como vai?

— Mag! Que surpresa ver você por esse lado da quadra! Algum evento especial?

— Nada demais, Shall. Decidi mudar a direção das caminhadas, já que as faço todos os dias. E você, para onde vai tão apressado?

— Ai, Mag, não sei se vai querer saber. Más notícias... Mataram mais um gato e um cachorro aqui na rua de trás, perto da avenida principal. Parece uma maldição que nunca vamos conseguir nos livrar! Estou indo na loja do Dean comprar telas para as minhas janelas. Não quero que meus bichos saiam para a rua nunca mais!

— Que pesadelo! De quem eram os animais, você sabe? Quero ir pessoalmente prestar minhas condolências. Só quem sente essa dor sabe como ela deixa marcas para sempre.



— Sei sim, foi o gato malhado da senhora Rebecca Defun. Sabe? Aquela da casa rosa? É o terceiro gato dela que morre envenenado. Coitada! Não sei como ela aguentou tudo isso. Já o cachorro eu não sei de quem era, devia ser o único que restou do trio, que era formado por outros dois cachorros bem grandes e barulhentos. Há tempos não os vejo mais, devem ter tido o mesmo fim do amigo. Quanta tristeza!

— Quanta desgraça, sr. Marshall. Vou rapidinho lá na senhora Defun ver como ela está. E boa sorte com as grades, está bem? Qualquer novidade, me avise!

— Pode deixar, querida. Vou lá. Adeus!

Margareth caminhou cerca de 200 metros em direção à beira da avenida principal que dividia a cidade até encontrar a casa da senhora Defun, que estava sentada na varanda chorando. As duas conversaram até o Sol começar a avisar que estava indo embora e era hora de voltar para casa. A senhora Defun disse que ainda não encontrou o corpo do gato e esperava que alguém o visse para poder lhe dar um enterro digno. Mag desejou melhoras para a senhorinha e convidou-a para visitar seus bichinhos outro dia. Talvez assim ela poderia se sentir feliz novamente.

O caminho de volta para casa seria igualmente cansativo, não fosse pelos miados agudos que ela começou a ouvir. Conforme ela caminhava, os ouvia mais e mais altos, até que conseguiu distinguir de que lado vinham. Estava atrás da árvore que ficava no meio da rua, cortando-a em duas. Mag imediatamente começou a chamar pelo bichano, que cuidadosamente aproximou-se dela. Quando Meg conseguiu pegá-lo no colo, foi para a parte de trás da árvore ver se havia mais algum animal ali, mas a única coisa que viu foi uns pedaços de comida cheia de grânulos. Pensou que talvez alguém de bom coração tivesse visto o pobre animal ali e deixado um pouco de comida para que ele conseguisse sobreviver por mais um tempo. Jamais pensou na possibilidade da comida fora envenenada. Deu



meia volta e pôs-se a caminhar de volta para casa. “Agora você vai ter muito mais comida, meu amiguinho”, pensava Mag enquanto segurava o mais novo membro da família. Quando chegou, seus três cachorros já estavam dormindo, cada um em sua caminha, sempre muito companheiros, como se já se conhecem desde pequenos. Os dois gatos estavam dormindo em cima do armário da cozinha e acordaram quando ouviram o miado de seu mais novo amigo. O que surpreendeu Mag foi que ambos nem miaram para o terceiro integrante. Por mais estranho que fosse, ficou aliviada, pois não precisaria fazer uma adaptação entre eles. Depois de limpar o animal, arrumar seu cantinho no novo lar e encher seu pote de comida, Mag tomou um longo e quente banho e logo depois se preparou para dormir.

O dia nasceu do mesmo jeito que o anterior: frio e aconchegante. Margareth fervia a água do café ao mesmo tempo em que estendia as roupas no varal, limpava as caixas de areia dos gatos e colocava as camas dos cachorros para arejar. Quando se sentou novamente para tomar um café, ligou a rádio, agora estava tocando *Linger*, do The Cranberries. Entre um “Do you have to let it linger?” e o instrumental, Mag lia a notícia no jornal que dizia o seguinte: *“Animais mortos por envenenamento somem mais uma vez das ruas. O comando de limpeza não foi o responsável pela retirada dos animais e os donos clamam pelo direito de poderem enterrar seus bichos. Ontem à noite dois animais foram alvo de cruéis seres humanos que não prezam pela vida. O mais importante agora é juntar a comunidade para que esses corpos sejam encontrados e os donos possam enterrá-los de uma vez por todas”*. Enquanto lia, pensava nos cachorros da rua, tão belos e agora desaparecidos, pensava no gatinho da senhora Defun, o terceiro que ela não tem a chance de enterrar e dar um último adeus, enquanto olhava para seus três lindos e saudáveis gatos e ficava aliviada por não serem os seus nas notícias de jornal.



A escolha da Fonte Espectral

Gustavo Maschio

Estava voltando para minha adorável casa, exausto após horas de trabalho carregando cimento de um lado para o outro, tentando manter um sorriso no rosto, pois, sem ele, quem eu seria? Ao chegar, notei um cartaz curioso na minha porta: “Se você retorna para casa todos os dias cansado e sem tempo para si mesmo, vá até a Fonte Espectral e espere. Sua vida nunca mais será a mesma!”

Sou uma pessoa comum, moro sozinho em uma casinha pequena e trabalho como pedreiro. O que faço é extremamente exaustivo, já que meu chefe quer tudo feito o mais rápido possível, quase não dando tempo para descansar. Além disso, ele nunca está na obra, sempre passeando, e fica extremamente irritado se alguém faz algo sem consultá-lo. Quem sabe o que poderia acontecer comigo se eu fosse até essa tal fonte? E se fosse apenas uma propaganda ou alguém tentando me roubar? Por isso, não dei importância e até verifiquei se meus vizinhos também tinham recebido a mesma mensagem, mas não havia nada em suas portas. Provavelmente, eles já a teriam descartado, então, fiz o mesmo.

Ao acordar, fui preparar o café da manhã e aconteceu algo horrível: não havia café em pó. Isso pareceu estranho, pois havia comprado recentemente. Fiquei um pouco triste, mas decidi ir ao mercado, que ficava cerca de cinco quadras de distância da minha casa. Com pressa, peguei minha bicicleta, já que não possuo carro, para não me atrasar. No entanto, notei algo incomum enquanto pedalava pelas ruas vazias, com todas as casas fechadas. Parecia que era época de férias e todos haviam ido para a praia ou para outra cidade visitar parentes distantes. Ao chegar no mercado, percebi



que estava fechado. Tentei olhar através das janelas para ver se alguém iria abrir, mas estava tudo vazio, prateleiras vazias e luzes apagadas. Um medo começou a tomar conta de mim, pensando se havia alguma relação com aquela mensagem na porta. Decidi ir até os fundos para verificar se havia algo ou alguém ali.

- Tem alguém aí? Perguntei, mas não houve resposta, apenas o eco da minha voz.

Com medo, retornei para minha casa, tentando me acalmar. Era muito estranho pedalar pelas ruas e não ver nenhum rosto familiar, nenhum cachorro correndo atrás de uma moto ou até mesmo correndo atrás de mim. Nada. Apenas as luzes dos semáforos, ligando e desligando sozinhas, sem nenhum carro para buzinar por alguém não estar se movendo tão rápido quanto o desejado. Ao chegar em casa, percebi que a porta estava aberta e não conseguia lembrar se tinha sido eu quem esqueci ou será que alguém tinha entrado em minha casa?

Deixei minha bicicleta ao lado da árvore e entrei devagar em casa, antecipando o pior cenário possível. Preparado para qualquer coisa horrível, abri a porta completamente e olhei ao redor, não acreditei no que vi. Em cima da mesa estava a mesma mensagem: "Se você retorna para casa todos os dias exausto e sem tempo para si mesmo, vá até a Fonte Espectral e espere. Sua vida nunca mais será a mesma!" Com todas essas coisas acontecendo, decidi ir atrás da tal Fonte Espectral para ver se havia alguma relação com tudo isso.

Enquanto seguia em direção à fonte, percebia que quanto mais me aproximava, mais assustador a cidade vazia ficava. Meu coração batia tão forte que parecia prestes a explodir a qualquer momento. Quando cheguei lá, observei de longe. A princípio era apenas uma fonte com um formato peculiar, parecia ser um disco



e a água saia pela sua borda. Uma paisagem muito bonita para ser observada. No entanto, ao me aproximar notei algo estranho, havia uma senhorinha sentada do outro lado da fonte. Decidi me aproximar e ver se ela tinha alguma informação para me contar, pensando que talvez ela fosse a responsável pela mensagem em minha casa ou soubesse o que estava acontecendo com a cidade e as pessoas. Ela parecia calma, não demonstrava medo do que estava acontecendo com tudo e com todos. Então perguntei:

- Por acaso a senhora sabe o que está acontecendo com a nossa cidade? Você também encontrou uma mensagem dizendo para vir até aqui e que sua vida mudaria?

A senhora olhou fixamente em meus olhos, como se me conhecesse há muito tempo, e respondeu:

- O que aconteceu? A vida lhe deu uma chance de ter tranquilidade, descansar, não ir trabalhar, fazer o que quiser sem julgamentos. Isso não é bom? Para muitos, isso seria ótimo. Você não gostou? Até mesmo a atmosfera gostaria disso, as florestas, os oceanos. Você já parou para pensar como seria sem os humanos na Terra? Ou se todos fossem perfeitos? Se o seu chefe não fosse tão chato, a vida seria monótona se todos fossem robôs. Às vezes, a perfeição pode ser entediante demais. O que você acha? Você não desejava que sua vida nunca mais fosse a mesma? Agora você pode escolher entre uma vida “perfeita” ou voltar ao que era antes. A decisão é sua.

- Mas este lugar não tem vida agora. Você acha simplesmente possível fazer todos desaparecerem e deixar apenas eu decidir o meu futuro e o deles? - eu falei.

Ela se levantou e disse:

- Esta fonte não é como as outras. É algo que foi criado há muito tempo. Muitas pessoas já passaram por isso, tiveram uma escolha.



Agora é a sua vez. Esta fonte tem poderes. Você pode pedir para tudo voltar ao normal, incluindo você, ou qualquer outra coisa física. Você tem os meus poderes em suas mãos. Aproveite!

Eu não sabia o que fazer e tinha várias perguntas ainda em mente. Quem ela poderia ser? O que ela seria? Então, a velha senhora fez um gesto mágico e me deu uma moeda que não parecia ter nada de especial, apenas uma simples moeda de prata, muito parecida com todas as outras já existentes. Ao olhá-la, vi que de um lado havia a opção de ter uma vida perfeita, porém sem ninguém ao meu redor, e do outro lado, estava a opção de trazer todos de volta, mas sem a perfeição que era tanto desejada por muitas pessoas. Não era uma decisão fácil, entretanto, eu já havia tomado minha decisão. Joguei a moeda com confiança e, de repente, tudo ao meu redor se tornou perfeitamente branco. Não havia mais nada, exceto a senhora que apareceu novamente diante de mim e disse:

- Você fez uma escolha sábia, e é gente como você que me faz acreditar que a vida pode ser melhor. Antes de você voltar, tenho um pedido importante para fazer. Poderia colocar esse bilhete que está em seu bolso em alguma porta da sua vizinhança?

Fiquei surpreso, pois não havia nada em meu bolso, mas quando coloquei a mão, lá estava o mesmo bilhete que encontrei na minha porta. Antes que eu pudesse questionar o motivo ou fazer outras perguntas, a senhora havia desaparecido.

Em seguida, voltei para o meu quarto e, ao me levantar, percebi que estava exatamente como eu havia pedido. Eu conseguia ouvir os sons das buzinas, dos pássaros e dos vizinhos conversando e fofocando, achando que ninguém poderia ouvi-los. Ao sair da cama, olhei para o meu celular e, surpreendentemente, percebi que não havia se passado nem mesmo um dia e logo pensei “será que o que eu passei era um sonho?”



Decidi preparar meu café, quando notei que estava sem café em pó, bem como no meu possível “sonho”. Então, lembrei que ela havia deixado uma mensagem no meu bolso e, se aquilo fosse real, ainda estaria lá. Coloquei a mão e o papel estava lá, a mesma mensagem, com a mesma escrita, eu realmente vivi aquilo. Quando olhei para a mesa, havia algumas moedas para que eu pudesse comprar o café. Saí de casa, cumprimentando a todos pelo caminho, e felizmente encontrei o mercado aberto. Comprei o café em pó e, enquanto voltava para casa, vi uma pessoa desanimada saindo de sua casa. Parecia que ela não estava muito bem. Peguei o bilhete do meu bolso e o coloquei na porta da casa daquela pessoa, na esperança de que ela tomasse a decisão certa e pudesse ter um outro ponto de vista para sua vida.



Chico Riso

Marcus Andrei Ullmann

Faz pouco tempo que por ali transitavam apenas carroças puxadas por robustos cavalos. Agora tudo mudara. Asfaltaram a rua e a cidade cresceu para todos os lados, inclusive para o lado da casa de Seu Chico. Ele ainda cultivava a roça, é claro. Mantinha a chácara e, apesar da pressão da especulação imobiliária, não se desfez da propriedade. Sabia que os netos gostavam. Foi por esse motivo que ele deixou a multidão que se amontoava na cidade apenas esbarrar na cerca de seu campo, nada além. O centro ficava tão próximo da gleba que não dava uma légua dali e podia-se entrar num arranha-céu, conhecer a joalheria ou ir ao consultório médico. De fato, a cidade crescera. Antes Seu Chico olhava o horizonte e via colinas verdejantes, poteiros com araucárias, uns campos cheios de gado, o pasto de aveia que brotava... Agora, olhava o horizonte e, se espremesse bem as vistas, forçasse a luz diante de si no crepúsculo, podia jurar que, dali da sua casa, via o pirilampo trocar de cores lá longe: era um semáforo.

Engana-se quem pensou que Seu Chico reclamava. Lamentar-se não fazia o seu feitio. Só resmungava um pouco quando o feijão de sua esposa queimava e encardia na panela. Ora, sobrava para ele limpá-la na pequena e humilde lavanderia dos fundos da casa. Seu Chico e sua esposa eram antigos moradores, muito queridos, do primeiro vilarejo ali colonizado. Eram pessoas muito simples, com costumes e crenças bem arraigados. Gente de muita fé. E atribuíam a essa mesma fé o sentimento de nunca perder a esperança. Era um casal otimista. E com esse otimismo criaram os filhos, que, com algum contragosto do pai, migraram para a cidade. Mas de tempos



em tempos voltavam os netos para as férias escolares. E as crianças achavam curioso quando, uma vez por mês, vinha a capelinha de Nossa Senhora e a tradição mandava rezar o Rosário diante dela para agradecer pelas bênçãos e pedir bonanças.

Seu Chico sempre achou graça das coisas que julgava complicadas, ria-se com elas. Agora já idoso e banguela, com muitas rugas, quase sem o cabelo grisalho e sempre com uma rala barba por fazer, ainda procurava decifrar enigmas que sua mente criava. Como a vez que tentou descobrir se as plantas da esposa cresciam mais ao ouvir música de um velho radinho a pilhas; o idoso ia medir os brotinhos todo dia. Ou a vez que lhe deram um celular e não pôde acreditar como o aparelho funcionava sem um fio. O ancião não sossegou até que os netos lhe esmiuçassem os motivos daquela enorme antena que construíam no horizonte.

No entanto, um ritual diário passou a fazer parte da rotina do velho Seu Chico e muita vez incomodava a senhora sua esposa: todo dia, ao findar da tarde, quando o sol começava a percorrer seu poente, o marido buscava seu banquinho de pinheiro, trabalhado a mão por um amigo já falecido, sentava na varanda da casa e mirava a direção do semáforo da cidade. Nesse momento, punha-se a rir. Ria mesmo, um riso franco. Umas gargalhadas frouxas que aumentavam, pouco a pouco, de intensidade. No curso de algumas horas, talvez chamar de riso fosse fraco predicado, porque o homem se entortava, flagelava-se a si mesmo, explodia de tanto gargalhar. Era como se lhe infligissem cócegas sob a fina camisa rasgada que vestia e não cessassem até que seu abdômen ficasse dolorido.

Houve um dia que caiu da cadeira e quebrou o braço magro que, agora frágil pela idade avançada, já erguera muito peso na juventude, pois o trabalho na lavoura era difícil naquela época. Sem as modernidades de agora: esses arados mecânicos, as



máquinas à vácuo que forçam o leite sair das vacas, as plantadeiras automáticas, sem tudo isso, restava o Tigre e o Beija-flor – a fiel junta de bois. Tudo era manual no tempo de Seu Chico: desde a roçada com foice até a limpeza do campo cultivado com enxada. E foi a força adquirida na juventude que fez o braço sarar logo. Um susto, um gesso e várias semanas depois tudo voltara ao normal. Foi a partir daquele momento, porém, que a esposa de Seu Chico começou a se preocupar. A atitude hiperbólica do marido não podia ser normal. Não havia precedentes que justificassem o acidente que lhe fraturou o braço. Estaria o idoso variando, com alguma esclerose ou endoideceu de vez?

O que afinal esse velho via de engraçado naquela lonjura? Seria o troca-troca de cor do pirilampo? Aquele vaga-lume despencando, que já custara duas ou três trocas pela prefeitura devido a inúmeras investidas dos vândalos, era o ponto de encontro de alguns jovens no fim de tarde. Seria o aglomerado da juventude a fonte de gargalhadas de Seu Chico? Ah! Quem saberia... Se o próprio não abria a boca, não seria a velha matrona quem descobriria o mistério.

Já houve quem pedisse a ele próprio o que se passava, todavia desistiu. De tanto rir, só de pensar no assunto, Seu Chico, coitado, não conseguiu formular frase consistente. A expressão lhe saía truncada ao riso e não conseguia dizer o que havia ali. Talvez nem ele soubesse. Com o tempo, os vizinhos cogitaram loucura. Não chamaram médico pois a cônjugue não via necessidade. Mesmo que constatassem a suposta alienação, quem faria o serviço na roça? Quem cultivaria o milho, o feijão e as batatas? Quem limparia a panela para ela? O homem ainda era funcional e, definitivamente, a consorte não deixaria que levassem o esposo. Então que continuasse se estourando de tanto rir. Seu Chico nunca batera a cabeça tão forte a ponto de tirar uns miolos do lugar. Que mal havia em ser risonho, afinal?



Claro que, com a atitude reincidente de Seu Chico, principiaram as piadas de toda sorte de vários recantos da cidade. Elas eram inevitáveis e chegavam ao ouvido do idoso. Todavia, o velho as encarava de muito bom humor. Não se importava.

Sempre que, antes da noite, um passante lhe dirigia a palavra e lhe perguntava se a garganta estava afinada para o momento ou se naquela data não haveria graça no horizonte, Seu Chico gargalhava... Apelidaram-lhe Chico Sorriso ou Chico Risadinha ou, simplesmente, Chico Riso e virou personagem da vila em que morava.

Contudo, restava o enigma: do que, afinal, o homem ria tanto ao pôr do sol? Qual era a graça que o agricultor do passado via no horizonte moderno que mais ninguém enxergava? Qual fenômeno infligia ao senhor de barbas ralas um sentimento de tanta comicidade?

E o que ninguém intuía é que não era o semáforo (o lampiro automático) que fazia Seu Chico gargalhar, nem os carros que, volta e meia trumbicavam por não respeitarem a “sinaleira” pendurada. Não era o vento que bolinava casacos e cabeleiras de transeuntes nem nada que fosse de origem natural. O que lhe fazia cócegas na alma era de origem antrópica, eram os afobados transeuntes que por ali passavam e, volta e meia se esbarravam e nem se conheciam. Antigamente só carroças trafegavam por ali. Seu Chico nunca vira coisa parecida em sua vida: às exatas seis horas de todos os dias (um pouco mais ou um pouco menos) aquela rua distante virava uma bagunça. A estrada entumecia de gente e a balburdia de uns correndo para cá e outros correndo para lá, formigas que se atropelavam, ignorantes em sua estúpida pressa cegava as pessoas. Para Seu Chico Riso, eram baratas tontas, abelhas atiçadas com fumaça, fumigadas pela escassez do tempo e doidas para voltar para segurança do ninho empilhado em forma de prédios na cidade.



Seu Chico não compreendia e também não fazia questão de compreender qual a ânsia daquele povo todo, pois, pare ele, o tempo na fazendinha passava diferente: suas preocupações eram com as estações do ano que, se não fossem definidas, poderiam arruinar a plantação. Preocupava-se com a estiagem, cuja secura do solo impediria o brotamento das cultivares e arruinaria a demanda de água para as plantinhas. A pressa que motivava diariamente os entes que habitavam a cidade lhe era peculiar e sem sentido. Via os acidentes de auto, os engavetamentos, mas principalmente, os seres que saíam dos veículos gritando e esbravejando sua razão e reclamando do tempo perdido. Isso, para ele, que via a movimentação da distância, através de um murmúrio de baixo nível sonoro, como se a cidade estivesse sussurrando uma prece, era muito hilário.

Talvez, Seu Chico Riso fosse mesmo um visionário sem palavras a exprimir. Ao imaginar o som longínquo da cidade como uma reza, suspeitava que toda aquela gente precisava mesmo de uma salvação.

Irônico aquela dicotomia. De um lado, Seu Chico, sossegado, na calma monotonia do campo, rindo-se do que havia no outro lado: a correria da cidade que aumentava em tamanho e que parecia, ela própria, uma entidade viva, uma alma nervosa, cheia de angústias, como seus habitantes. Uma angústia que se fazia cada vez mais presente para os lados da chácara de Seu Chico Riso e que, eventualmente, cumprida a existência do velho, iria engoli-la.



O cálice

Gabriel Elias Josende

Acordei. Era uma grande sala com paredes vermelhas, com pé-direito alto e rodapés bordô. Não havia janela, nem porta. Como fomos parar ali? As paredes ostentavam requintadas arandelas de ouro e de luz quente. No chão, um longo, felpudo e pesado tapete, também vermelho, que cobria toda a superfície do local. Sobre ele, circundando todo o perímetro, um móvel de madeira envernizada, onde se apoiavam incontáveis vasos de rosas e tulipas vermelhas, salvo um canto em que havia uma tulipa verde (a mais linda que eu já vi) e um umidificador que disparava um aroma adocicado e convidativo por todo o recinto. Ao centro, um grande e deslumbrante lustre estilo castiçal, em que mais de vinte lâmpadas irradiavam tamanha luz que eu poderia jurar ser do próprio sol. E, diretamente abaixo, uma mesa quadrada que seguia os tons dos móveis, com três almofadas de cor bordô em seu entorno. Sobre ela, um lindo cálice de ouro, repleto de diamantes das mais variadas cores incrustados em forma de anel no bocal. Uma visão de encher os olhos, e uma estranha sensação de estar em casa.

Eu sempre fui um garoto de intensas emoções. Exagerado, às vezes. Tive muitos falsos amores em minha vida, e no auge da minha bissexualidade, me apaixonei por mulheres e homens, cultivando um sentimento tão cego que nunca soube dizer o quanto foi real. Mas aí, eu conheci ele. Reparei naquele sorriso que deleitava todos os mais secretos níveis de todas as mais finas camadas de minha pobre, medíocre e desesperada alma. Eu soube desde o momento em que o vi pela primeira vez. E foi aí que eu me entendi gay. Eu amo ele. Ah! Como amo ele! Esse sentimento me atropela,



como uma verdadeira avalanche. Foi numa noite de outono, eu lembro. Mas que droga! Se eu pudesse, eu voltava atrás e ficava longe da faculdade. Talvez me poupasse daquele nosso primeiro encontro de olhares (e talvez me salvasse um pouco a dignidade). Terrivelmente incompreendido; na mesma medida, desesperado. Assim sou eu. E ele estava ali, diante de mim, encarando-me com a mesma cara de tacho que o meu melhor amigo:

— Mas que porra é essa?

— Como eu vim parar aqui? Como a gente veio parar aqui? (A música, baixa, era de Chico Buarque e Milton Nascimento).

— Pelo menos a música é boa.

— Cadê a porta?

(Sondamos com calma os entornos).

— Não tem nem janela!

— *Gente, tem um cálice naquela mesa.*

Olharam.

— Vou pegar.

Meu amigo se aproximou, e quando esticou o braço para pegar a relíquia, uma onda de choque o empurrou para trás, como se um campo de força protegesse o objeto. Ele deve ter voado por um metro; o cálice ficou lá, imóvel.

Sem entender o que estava acontecendo, começamos a dar por conta de que estávamos presos em uma sala em que não havia portas, tampouco janelas. Isso foi o suficiente para que o desespero começasse a se alastrar. E foi rápido. Bem rápido. Foi de zero a cem rápido. Começamos a levantar os mais variados questionamentos, iniciando no existencial:

— *Eu nunca mais vou me formar.*

Passando para algo mais físico.

Soco! Soco! Soco! Soco! Soco! (Sangue).

— Merda!



E relações afetivas, em que nos recolhemos em introspecção por infinitos minutos, tão infinitos que pareciam irreais, encolhidos e acovardados nos cantos tão iluminados (e ainda tão sombrios) daquele lugar.

Meu ex-amor reagiu e resolveu caminhar pelos arredores. Ele encontrou um bilhete na tulipa verde. Puxou. A tulipa virou vermelha. Gritou para nos reunirmos em volta da mesa, nas almofadas, para que lêssemos juntos. Estávamos exaustos, física e emocionalmente. Lemos.

“Vocês têm assuntos a resolver. Vêm guardando rancor uns dos outros, quando pensam estar bem. Para que a porta apareça, alguém deve beber do cálice. Ele contém um elixir da morte. Uma única gota é morte indolor e instantânea. Neste momento, sobre a mão direita de cada um, aparecerá um número. – (Na do meu ex-namorado, apareceu 1; na minha, 2, e na do meu melhor amigo, 3. Todos estavam espelhados). – Quem está com o número dois, o do equilíbrio, será o responsável pelo seu fim, ou o de quem julga amar. – (Todos olhamos para nossas mãos, e nos enchemos de lágrimas). – Há o lado luz e o lado sombra: quem tem o número dois pode escolher a vida, mas precisa aprender a deixar seus amores partirem; ou pode salvar quem ama, mas precisa permitir-se ir. Assim que uma decisão for tomada, a porta aparecerá. Boa sorte”.

Nessa hora, o campo de força que envolvia o cálice desfez-se apenas para mim.

Nunca vi aqueles dois tão tristes – nem mesmo a mim. Eles me olhavam com as pupilas dilatadas de esperança, de quem busca algo em meu semblante que penda a balança para um ou para o outro. Meu ex foi o primeiro a falar.

— Você sabe que sempre foi de verdade. Estremeci.

— Todas as vezes em que a gente viu Chihiro juntos.



— Para.

— E todos os poemas que eu coleí em sua cabeceira.

— Para.

— E todas as vezes em que eu te levei chocolates, porque você gosta muito, muito mesmo de comer Diamante Negro, mas ele tem que estar derretido no ponto certo. Não muito, no ponto certo.

O gosto de sal já me visitava a boca.

— Para.

— Você sabe que eu sei como ninguém que você não gosta do frio, porque detesta que fiquem puxando suas cobertas à noite.

(Sua mão tocou meu ombro).

— Por favor...

— Sabe de todas as vezes em que eu desmarquei compromissos no fim de semana, porque tudo o que eu queria sempre foi passar ele contigo.

— Eu... eu...

— Você sabe, Júlio.

— NICO, CHEGA!

Quem interrompeu não fui eu. Foi o Lucas. O Nico se recolheu, em uma mistura de pranto e uma pitada de dever cumprido.

— Ei, Ju... (Lucas arrastou levemente o indicador em meu rosto, levando uma pequena lágrima que parecia pesar uma tonelada inteira). Não fica assim. Eu ficaria feliz em beber esse elixir por você.

Ele virou tímido para o Nico, que o encarava com desesperança.

— Há verdade nas palavras dele, sim. Só que o amor não é pra sempre, Ju. Ele acaba.

Como eu disse, por você, eu bebo isso. Mas será mesmo que o Nico ainda sente o que diz?

Olhei para o Nico. Olhei para o Lucas. Olhei para mim. Para dentro de mim. Fiz uma reflexão sobre como foram os últimos



anos. Pensei que Lucas tinha razão. De fato, o amor termina. Tudo na vida é efêmero. Na verdade, tudo passa e tudo morre. A morte é a força mais poderosa do universo inteiro – tão poderosa que até o próprio cosmos está fadado a ela. Li isso uma vez em um livro. Algo sobre teoria do Big Crunch. Não importa o quanto os seres humanos lutem pela sobrevivência. A menos que a gente encontre uma forma de trocar de universo daqui a alguns bilhões de anos, o fim é inevitável.

Estava decidido. Eu daria o cálice ao Nico. Antes que eu sequer pudesse enxergar seu rosto uma última vez, senti um toque apertado em meu punho.

— Eu não valho nada.

— Oi?

Nico estava em cacos.

— Nem o ovo que eu como.

— Nico...

— Eu te amo, Júlio. Desculpe fazer isso. Eu vou beber essa merda.

E, então, esticou a mão para pegar o cálice, sendo repelido pelo campo.

— *A decisão sempre foi minha, Nico. Eu também te amo. E me perdoa por todas as vezes em que eu não fui sincero o bastante com você.*

Nico acenou com a cabeça, dirigindo-se ao Lucas.

— Lucas?

— Nico.

— Eu nunca quis ficar entre você e o Ju.

— Eu sei.

— Desculpe por todo o ciúme.

— Está tudo bem. Eu também deveria ter dado mais espaço a vocês.



Atamos as mãos. Levantamos e nos envolvemos em um abraço. Tocava Cássia Eller e Nando Reis agora. Nos vasos havia flores. Milhões de vasos cheios de flores. Sentamos, demos as mãos, cantamos músicas antigas dos anos 80, aqueles rocks do Legião, Cazuza, Bossa Nova, coisas que não são da nossa geração, mas que sempre gostamos pra caramba. Fizemos uma última oração. O Nico me declamou um poema e disse que me amava de novo. O “eu te amo” mais sincero que já ouvi em toda a minha vida. Disse o mesmo a ele e ao Lucas. Sentamos em volta da mesa, contemplando um ao outro. Dissemos eu te amo de novo. E de novo, e de novo. Dissemos muitas vezes. Eu te amo, Nico. Eu te amo, Lucas. Eu me amo também. Eu amo nós todos. Eu amo a gente junto. Acho que a gente funciona bem.

.
. .
.

E então, a porta abriu.



O homem em seu lugar

Henrique da Silva de Andrades

O vento uivava enquanto passava por entre as venezianas da pequena janela do pequeno banheiro. Curvava-se como um corcunda e então passeava circulante pelo cômodo, como se quisesse olhar de perto cada coisa que ali havia. Versava e fraseava como um poeta em êxtase. Quem ouvia, não entendia. O clima havia mudado de repente, ninguém esperava a visita desse ar que corre rapidamente para dentro e para fora das casas. O homem não gostava de visitas inesperadas, então fechara as janelas e as portas e voltara ao seu lugar. No banheiro não fora, então o vento aproveitava enquanto podia para explorar os cantos. No espelho ele não se via, até que a ponta da toalha estendida se mexeu e ele pôde se enxergar. Uivou de alegria. Então, o homem se irritou novamente e, com seu rosto irritado e trejeitos secos e agressivos, irrompeu pela porta do banheiro e fechou a janela. Silêncio. Triste, o vento seguiu seu caminho do lado de fora, e logo parecia que nunca havia invadido aquele cômodo e observado-se no espelho. Quem se olhou foi o homem, mas não gostou do que viu e voltou para o seu lugar.

“Esse homem se irrita com qualquer coisa”, diria a aranha, caso ela pudesse. Ela ficava sempre no centro de sua teia, em algum canto da casa, como se aquilo fosse o seu império e o seu trono. Dali de cima, conseguia ver todo o cômodo e, assim, via o homem sempre em seu lugar, só saindo para resolver algo que o irritou. Todo dia. E saía muito, então a aranha sabia que ele se irritava facilmente. “Pelo menos ele gosta de mim”, diria ela. Estava tranquila, pensando se era melhor refazer sua teia em outro lugar



para a próxima noite, quando ouviu alguns barulhos. Era o homem se levantando novamente. Foi até o banheiro, e o uivo parou. Ela nem o havia percebido, pois não se irritava com essas coisas e ficava longe do outro cômodo. Mas o homem se irritava, claro. Ela então resolveu fazer a teia perto da porta do banheiro.

Do lado de fora, logo após um quintal onde as flores e folhas tentavam resistir ao vento, curvando-se e se contorcendo, havia uma mulher. Escorada na janela, seus cabelos voavam e formavam uma obra de arte com belos movimentos. Ela passou a mão nos fios escuros do cabelo em um movimento involuntário, tentando acalmá-los, enquanto observava as verbenas e margaridas se estremecerem. Seus olhos então se levantaram para olhar a casa do homem. Singela, tanto quanto a sua própria, mas, ao contrário desta, descuidada. As paredes de tom desbotado e sujo contrastavam de uma forma desagradável com o roxo e o amarelo das flores, com o preto de seus cabelos, com o azul esbelto do céu. Cor feia. O homem da casa também não era bonito. Talvez fosse, se fizesse algo além de ficar sempre em seu lugar... Homem estranho, não deve “bater bem da cabeça”. Sempre aí dentro, quando olho pela janela ele está sempre no mesmo lugar. Seu lugar. Nem parece homem, parece um bicho (a aranha não gostaria do comentário, caso pudesse ouvi-lo). Enquanto observava, no fundo da casa o seu filho tocava uma sonata. O som da flauta fazia companhia ao vento, e juntos os uivos formavam uma linda orquestra de tons misteriosos. Se confundiam, se harmonizavam, mas traziam uma melancolia que se aprofundava enquanto os olhos da mulher fitavam a feia casa do homem, de janelas fechadas, exceto uma. Sentiu uma lágrima escorrer pelo seu rosto, pela sua bochecha macia. Parecia manchá-la, como se fosse uma pintura de diferentes cores. Não sabia porque chorava. Saudade ou tristeza. Não sabia porque chorava enquanto



pensava no homem. Qual a relação? Talvez visse nele o reflexo de seu coração. Estagnado, sempre no mesmo lugar. Infértil de novos sentimentos. Um eterno vale. Lembrava de tempos felizes, de beijos e abraços, de quando ela envolvia seus braços graciosos em volta de seu amor. Lembrava de sua pele escura, de seu corpo acalentador, de suas carícias no fim da noite, de seu olhar tranquilo. Lembrava, então, que seu amor não a queria mais. Não queria seu filho. Não queria ouvir o dueto da flauta e do vento. Ela não entendia, assim como não entendia o homem. O homem está em seu lugar... O seu coração não está em seu lugar. Não há lugar para ele. Não mais. A sonata terminara, tirando-a de seu estado tétrico. As flores mexiam, o vento uivava. Cor feia. O homem fecha a janela.

As donas da “cor feia” não gostariam do comentário da mulher. Assim como a aranha elas não podiam reclamar, pois não falavam. Ao contrário da aranha, porém, elas não reclamariam mesmo se pudessem. As paredes. Embora velhas e desbotadas, faziam bem o seu papel. Estavam ali mantendo as coisas de pé, unidas e sem se curvar a ninguém. Já foram mais bonitas, mas elas não se importavam. Já tiveram cores diferentes, ou desenhos, ou azulejos, ou muretas de tijolos vazados com padrões geométricos da época em que na casa morara uma senhora e muitos gatos, mas as paredes não faziam nada para mudar a realidade da atualidade. Realidade fatal. Observadoras e múltiplas, as paredes podiam ver tudo o que acontecia ao redor e dentro da casa. Viam o homem em seu lugar, viam o vento balançar as toalhas, viam a aranha trocar sua teia de lugar, viam a mulher chorar. Elas não têm ouvidos, mas têm ouvido a tudo. Tudo ouviam, nada faziam. Não eram tão diferentes do homem, embora não percebessem. As paredes em seu lugar. A realidade fatal. O não-fazer, o não-reagir. Viam o homem fechar a janela.



As flores do jardim ainda tinham as suas cores bem vivas. E eram muitas! Várias cores, várias espécies, algumas maiores e outras menores. Margaridas amarelas, verbenas roxas, flores- da-fortuna rosas e vermelhas. Se balançavam ao enfrentar o vento, se mexiam para buscar o sol, se molhavam e se hidratavam com a água da chuva, se expandiam, se espalhavam. Era uma sociedade dinâmica, com ciclos de vida e morte e com a luta pela sobrevivência. Sempre interagindo com o ambiente, mas sempre fechadas no seu círculo. Não entendiam bem nem a mulher, nem o homem. Por que a mulher gostava tanto de olhar as flores? Por sinal, ali estava ela na janela, observando o movimento das folhas e pensando em alguma coisa. De repente, passou a chorar. As flores não choravam, nem sentiam felicidade ou tristeza. Tanto movimento e tanta interação, mas nada de risadas, flautas ou um clube do livro. Do outro lado do jardim, havia o homem. O homem em seu lugar. Assim, em seu lugar, nunca aparecia para olhar as flores. Não gostava delas? Não as achava bonitas? Não gostava de ver a diversidade de cores? As flores se acostumaram tanto com as pessoas observando-as e elogiando-as, que era estranho alguém simplesmente não se importar. As flores. Não entendiam porque as pessoas as adoravam, mas julgavam a quem não parecia fazer parte dessa cultura. Uma sociedade dinâmica. Demonstrando seu desinteresse, o homem fecha a janela.

O vento uivava, a aranha planejava, a mulher chorava, as paredes ouviam, as flores balançavam... E o homem? O homem em seu lugar. Sem verbo. No máximo, “estar”. De tanto se falou e, ao mesmo tempo, de nada. Ao mesmo tempo! Quem era o homem? Eu? Você? Parado, no mesmo lugar, estagnado, imóvel, estático. O que é, o que é, um ponto imóvel em seu lugar? O homem. Havia tantas coisas ao seu redor, dentro e fora da casa. Movimentos e



pensamentos, choros e flautas, vidas e cores. O homem em nada prestava atenção. Confinado, de propósito. O homem fora de seu lugar era uma experiência impossível, mas o homem em seu lugar era tão alheio a tudo que podemos pensar no homem em seu não-lugar. De tanto se afastar, deixou de existir. Por que se afastava? Do que se afastava? Confinado para suprimir a saudade dos bons tempos, ou o ranço de si próprio. Confinado para negar o passado que o maltratou, ou o futuro que ainda havia de afrontá-lo. Confinado para extinguir qualquer faísca de envolvimento com o mundo, mesmo que seja o vento a entrar pela janela do banheiro. Ou não. Ou é apenas um homem em seu lugar.



Crônica





A menina da cadeira à frente

Garota Nacional

Como um dia pode, ao mesmo tempo, representar o início de um sonho e um trauma quase cômico? Provavelmente, eu nunca saberei, mas com certeza meu primeiro dia como estudante do IFRS é a prova de que é possível.

Após nove anos na mesma escola, os mesmos rostos e lugares começaram a pesar, e de algum modo, alimentaram cada vez mais a minha vontade em mudar de escola. Era exatamente isso que eu pensava durante o longo período de férias que antecederia esse meu novo começo. Preocupações como “será que a van vai passar no lugar certo?” ou “como eu vou saber o nome de todos?” foram os primeiros problemas que essa mente fértil encontrou. Já que, obviamente, ir para um lugar totalmente novo sem ninguém que você conheça não é problema perto de questionamentos vitais como esses.

O dia havia enfim chegado. Acordar mais cedo do que o habitual não foi problema algum, já que a ansiedade e o ânimo haviam dominado grande parte de minha noite. Vestir-me nunca foi tão rápido, e logo eu já esperava com minha velha mochila do lado de fora antes mesmo de o sol nascer.

Foi então que concretizou-se a primeira desilusão do dia. Foram os cinquenta minutos mais longos da minha vida, de total silêncio e tensão. Ninguém falava nada, e eu, guiada pelo fluxo, mantive a quietude ensurdecadora dentro da van.

Um alívio preencheu meu ser quando vi as construções com que sonhei durante muitos meses. Não saberia dizer como fiz para chegar da entrada até a sala (208, como confirmei diversas vezes).



Abri a porta e vários olhares de pessoas totalmente desconhecidas correram em minha direção, o súbito impulso de sair desse campo de visão tomou conta de mim, então, sentei-me numa classe encostada na parede.

Segunda desilusão. Todas as habilidades sociais que durante minha vida toda pensei ter se esvaíram repentinamente, por isso, quando a menina que sentava à minha frente virou-se e perguntou-me: “tá nervosa?”, o único impulso que tive foi assentir com um movimento da minha cabeça.

O que seguiu esse acontecimento foi a, extremamente agradável e nada cansativa, palestra de apresentação, que durou do início do primeiro período até metade do terceiro. Prefiro poupar palavras sobre essa parte agradávelíssima do dia para falar sobre a excruciante “excursão pelo campus”, que posso resumir como: momento em que pessoas que tinham amigos sorriam e aproveitavam a visita enquanto quem um dia acreditou ter habilidades de conversação só queria sair correndo e voltar para casa.

Porém, nem tudo estava perdido! Sempre teremos a guria sentada na classe da frente para não nos deixar chorar em um canto. E foi com ela, e mais duas garotas que também não conheciam ninguém, que passei meu primeiro recreio, sem saber ao certo sobre o que conversar.

Aqueles vinte minutos de diminuto número de palavras trouxeram-me um grande alívio, e, quando voltei à sala de aula, sentia-me muito melhor. Agora, a única coisa que eu precisava era uma aula de apresentação, só queria ouvir o nome de meus colegas dos próximos quatro anos de vida. Mas...

Terceira desilusão. Justo naquela manhã, dia 27 de fevereiro, a professora de filosofia decidiu que iríamos nos apresentar, não falando, mas sim, escrevendo e entregando a ela. A faísca de luz que ainda restava dentro de mim apagou-se.



Bom, tenho pena da pobre professora que teve que ler o que escrevi. Ou pensou que eu fosse uma pessoa depressiva perto do suicídio, ou uma louca varrida.

Já desanimada novamente, saí o mais rápido que pude e sentei no assento mais próximo a janela. Observando que a volta seria um reflexo exato da ida, tirei o meu analógico fone de ouvido com fio, e coloquei para tocar a música mais animada possível, na esperança de que talvez assim, eu conseguisse segurar as lágrimas que já marejavam meus olhos.

Comecei desesperadamente a inventar uma história feliz sobre a manhã que eu tanto havia esperado para contar à minha mãe. Imaginei de imediato a reação dela se eu contasse como realmente havia sido: “Eu te disse”, ou melhor e mais provável ainda “vai voltar para sua antiga escola”. Contudo, tive tempo o bastante para enfeitar a minha narrativa, e assim que cheguei em casa, discurssei sobre as maravilhas desse primeiro dia.

Porém, eu sabia que isso estava errado. Então fiz uma promessa para mim, eu seria a menina da cadeira à frente: “amanhã, farei diferente”.

Não posso dizer que a animação diminuiu de um dia pro outro, porque não, eu estava tão ansiosa e empolgada quanto antes. Vesti-me, e voltei ao mesmo lugar do dia anterior, com a esperança intacta.

Sentei no assento da janela novamente, dessa vez decidida a conversar com a primeira pessoa que sentasse ao meu lado.

Depois de menos de cinco minutos, a porta abriu-se novamente, e observei enquanto dois amigos entraram. No primeiro sinal de conversa, intrometi-me. Não sei ao certo sobre o que falamos, lembro de darmos risada sobre um prédio com formato estranho. Logo, o guri sentado atrás de mim entrou na conversa também.



Senti-me tão aliviada naquele momento que foi indescritível como curtas palavras puderam me deixar tão feliz.

E assim, passaram-se alguns dos 50 minutos mais rápidos da minha vida.

A esperança de tudo ser realmente como eu havia imaginado recarregou-se totalmente. Tanto, que quando cheguei à sala (a tão imaginada 208), sentei-me exatamente no mesmo lugar e uma enxurrada de palavras e assuntos emergiram de dentro de mim, como se fosse um cubo de gelo que havia finalmente derretido.

E posso dizer que foi assim que conheci os meus companheiros de IF.

Pouco a pouco, tudo foi se alinhando, e tornando a vida mais mágica. Tivemos a minha tão esperada aula de apresentação (na verdade, apresentamos-nos tantas vezes que eu já sabia tudo sobre todos), a cada aula eu amava mais os professores e as disciplinas, as viagens de van ficavam cada vez melhores, conhecia meus novos amigos cada vez mais e eu via os anos felizes e cheios de oportunidades a minha frente.

Tudo foi incrível: as longas palestras na primeira semana de aula (agora que eu tinha cinco amigos com quem rir), os primeiros momentos de desespero nas aulas antes das provas, as conversas malucas e sem sentido no caminho da escola, o garoto da energia elétrica, os minutos loucos em que não conseguimos parar de rir, a garota do Percy Jackson, as conversas sobre livros, do sonho louco de alugar um ônibus, a insana jornada de volta pra casa e o guri que não sabia onde era sua parada, reclamar da turma que reclamava, a aula de laboratório, os passeios pelo campus, os trabalhos em grupo...

E assim, “o dia” passou de um terror nos meus pensamentos para o início de uma nova vida.



O filho de Odin

Gabriela Guarda Bés

E meu avô senta-se diante de nós com aquele álbum de fotografias, tira uma foto velha do meio e começa a apontar um por um.

— Este é Arnaldo, bisavô de vocês, ou melhor, meu pai. Este aqui, atrás dele, sou eu. Era forte, jovem, conquistava todas as garotas.

Ainda havia um terceiro menino na foto, pequeno e esguio. Ele fez uma pausa, como se fosse difícil apontar para aquele pequeno rosto e referir-se a ele.

— E este...Bom, este é meu irmão, o Pedro, ele era um garoto genial, sempre foi o filho que dava orgulho aos pais, mas antes que pudesse ter a chance de levantar um canudo, faleceu.

Os seus olhos se encheram de lágrimas e suas mãos tremiam, olhou para frente como se tivesse que se concentrar para lembrar os acontecidos e começar a contar a história.

— Era uma noite de agosto, o meu pai ainda trabalhava no farol, a chuva estava forte. Era daquelas que vinha em rajadas, acompanhada de raios e trovões. Foi a maior em 50 anos. Eu e meu irmão havíamos recém descoberto a história de Thor e ele estava obcecado. Dizia que, se um dia tivesse sorte, iria capturar um trovão e esfregá-lo na minha cara. Ah, ele era uma criança tão adorável, era encantador ver o brilho nos olhos dele quando falava. Naquela noite, decidimos fazer uma aposta. Quem fosse até o farol e voltasse ia poder pedir o que quisesse para o outro por uma semana inteira.

Nessa hora, parecia estar lembrando de tudo aquilo com tolice, como se reconhecesse a ignorância de duas crianças pequenas sozinhas em um casebre. Mas continuou.



— Lembro-me dele gritando “Um, dois, três e já!”. Eu já tinha um plano, me esconderia atrás da casa e quando visse ele voltando iria entrar antes. Os raios cortavam o céu e de tão intensos acabavam com a escuridão, os trovões faziam um ruído imensurável. Corri por alguns metros, fingi pegar um atalho e voltei, mas ele seguiu. Depois disso, todos os acontecimentos parecem turvos, recordo que a chuva parou, o sol voltou. Depois, meu pai chegou do trabalho. Ele pedia onde o Pedro estava e eu dizia que tinha ido vê-lo no farol. Na hora que finalmente expliquei nossa brincadeira, ele saiu de casa e nem mesmo um muro de pedra maciça poderia pará-lo.

Nessa hora, ele parou, acendeu seu cachimbo, o tragou profundamente, respirou fundo mais uma vez e continuou sua narrativa, que até então prendia os três sentados diante do velho.

— Seu Arnaldo achou Pedro, ele estava machucado e com uma marca preta que ninguém sabia o que era. Umas semanas depois descobriu-se que era a marca de um raio. O Pedro morreu por realizar seu sonho de infância: capturar um raio. E, infelizmente, nunca teve a chance de me mostrar.



Ninguém mexe na minha magrela

Louisa

Bike, bici, camelo, kalanga, zica, velocípede, magrela: são alguns dos nomes que se referem a mesma coisa, a bicicleta. Eu, como a maioria dos meninos de treze anos da escola e do bairro temos uma. Os mais sortudos têm até duas, uma para os rolês e outra para praticar *BMX Freestyle* e suas manobras. Eu só tenho uma, quadro na cor amarelo limão e pneus gastos. Comprei do Artur, meu melhor amigo. Demorei para juntar o dinheiro para poder trazer ela pra casa. Foram muitas vendas de picolé embaixo do sol de rachar na prainha lá no Rio das Antas.

Mas quando o dia chegou, valeu cada gota de suor, cada vergonha que passei ao vender os picolés no verão. Foi de tardezinha, eu fui com o dinheiro contadinho, todo enrolado no meu bolso da bermuda jeans surrada. O negócio foi de gente grande, cheguei na casa do meu amigo Artur que estava vendendo na hora marcada, sentamos na escada, o pai dele ficou só no “bico”. Eu quis ver primeiro a bike de novo. Ele trouxe. Ela estava linda! Tirei a massaroca de dinheiro e entreguei. O pai dele ajudou a conferir. Tudo certo. Um aperto de mão para selar o negócio, e eu vim pra casa pedalando, cantando e ensaiando umas manobras.

No primeiro final de semana que deu tempo bom, eu e minha turma nos reunimos no estacionamento da Universidade aqui da cidade. A galera todinha pedalando e dando seu showzinho. Eu sou iniciante, tenho que aprender o *bunny hup*, a manobra mais simples primeiro. O Artur está me ensinando, a manobra que é conseguir tirar as rodas da bike do chão e continuar pedalando. É puro equilíbrio. É pura adrenalina! Ficamos a tarde toda em cima das bikes. O sol já tinha sumido e nós ainda estávamos no estacionamento. Decidimos



que era melhor “deitar o cabelo”, voltar para casa antes que alguém aparecesse nos procurando.

O Artur disse que eu estou indo bem. Levo jeito. Vou longe. Mas também, chego em casa da escola, almoço rapidinho e já pego a magrela. E no pátio de terra mesmo eu treino as manobras, inspirado nos vários vídeos que assisti no You Tube. Não dá pra fazer isso todas as tardes, porque tem os tema da escola e o serviço de casa pra fazer: estender a roupa no varal e guardar a louça que está no corredor. Se a minha avó chega e eu não fiz ainda essas tarefas, é certo que tem bronca. Mas, se eu faço tudo direitinho eu posso negociar as minhas saídas aos finais de semana, seja pra andar de bike com a turma, seja pra vender picolé.

Num “findi” desses, nós fomos (a galera toda) até o bairro Barracão (o mais longe da cidade), na casa do nosso amigo Jota. Estudamos o caminho a semana inteira na escola, desenhamos tudinho aqui na nossa cabeça. Saímos à uma da tarde, descemos a lomba da Fenavinho e andamos em fila bem pela beirada da rodovia. Não tem perigo! Acalmei a avó. Nós fomos e voltamos de boa. Foi outra tarde “massa”!

Agora, minha magrela está parada. A peça que muda as marchas quebrou. Fiz um orçamento com o mecânico mais em conta da cidade, e vai custar sessenta reais para consertar. Também preciso trocar os pneus, o que torna a situação ainda mais complicada. Não tenho dinheiro para fazer tudo isso. Vou ter que lutar para conseguir a grana. Meu aniversário está chegando, talvez eu dê algumas dicas para a avó de que uma quantia em papel moeda seria um ótimo presente. Ela não vai entender, então terei que ser direto: dinheiro, vó, dinheiro. Já tenho um pouquinho, mas vou ter que trabalhar o mês inteiro nos rodeios vendendo picolés para juntar o resto. Enquanto isso, uma coisa é certa: ninguém mexe na minha magrela!



Este caderno

Estella Maria Bortoncello Munhoz

Eu ganhei um caderno desses que a gente escreve uma coisa besta por dia conforme a pergunta. Até que era bonito, o caderno. Um diário que não dava pra escrever o que queria, mas o que cada dia exigia. Eu escrevi nele uns anos. Tinha uma pergunta por dia e durava cinco anos. Trezentas e sessenta e cinco perguntas e mil oitocentas e vinte e cinco respostas. Teve dias que eu esquecia de responder, mas depois eu lembrava e escrevia pro dia certo e pros dias de antes que eu tinha esquecido de escrever. Às vezes, eu nem sabia direito qual era a resposta. “Você fez tudo o que tinha para fazer?”, como eu ia lembrar o que eu tinha pra fazer no dia que eu tinha que ter preenchido? Não lembro nem das tarefas de hoje. Aí eu inventava. Acontece que era pra ser divertido escrever nele. E no começo até que foi. Só que nesse lero-lero eu fui me cansando. Tudo foi se tornando obrigação. Desassossego. Escrevi vários sei lá, mas pelo menos respondi. Tá respondido, então tá bom. Não sou de negar presente e de não usar. Ganhei, vou usar, deu. Mas também, que saco, era pra escrever por cinco anos, haja paciência. Eu quase já sabia as coisas que ele perguntava. As perguntas sempre as mesmas, as respostas também. Teve um dia que eu saí com ele junto sem querer. Tava atrasado pra aula, enfiei tudo na mochila, dei tchau pro pai, saí. O caderno saiu comigo. Era de manhã bem cedo, fazia frio, eu tinha sono. Cheguei na sala, mal sentei, a professora chegou. Fui tirar as coisas da mochila porque ela queria ver se a gente tinha feito o tema de química. Foi quando vi o tal caderno. Eu fiquei paralisado. Que droga. O caderno tava lá. Só guria usa esse caderno, se alguém me visse com ele, eu ia



morrer. Fiquei suando frio porque, além de ser vergonhoso ter um caderno assim, eu tinha escrito coisas minhas nele. Se o Fernando visse eu ia ter que mudar de escola, inventar uma dor de barriga, fugir pela janela, desaparecer, sumir. Ele ia contar pra todo mundo. Nem prestei atenção em nada, eu só queria ir pra casa esconder o caderno. No intervalo, não saí da sala, inventei que tava mal só pra poder deitar a cabeça na classe, em cima da minha mochila, pra proteger as besteiras que eu tinha escrito. Tinha besteira e tinha coisa sei lá. Mas eram minhas coisas. Eu ia rasgar o caderno quando chegasse em casa. Botar fogo. Lembrei daquela pergunta de um dos dias: “Como você gostaria que fosse seu epitáfio?”, achei que fechava bem pra situação. Ainda assim, nem saberia como responder. De preferência, queria que não tivesse nenhuma palavra no meu túmulo, só queria sumir sem deixar um rastro. Que inferno. Mas daí, a última aula terminou, e eu fui pra casa. Tava melhor já. Cheguei em casa e vi que nem nome tinha no caderno. Não fosse a letra feia, eu podia inventar que era da minha irmã caso alguém visse. Depois eu guardei o caderno no armário atrás de umas roupas. Não consegui rasgar porque eu teria um trabalhão. E também porque eu tinha pena. Pena e raiva daquele caderno que só me deu trabalho pra nada. Pena e raiva de mim. No fundo, eu guardei o caderno porque queria que meu eu do futuro pudesse ler e pensar que alguma coisa valeu a pena. Que a vida melhorou. O negócio é que eu parei de escrever nele faz uns três anos. Tivesse continuado, eu já teria preenchido tudo. Hoje encontrei este caderno bem no fundo do armário. Ele tinha ficado enrolado num casaco sabe-se lá por quanto tempo. Senti aquela nostalgia de tocar no título com relevo da capa. Foi bom abrir numa página aleatória e ver que eu continuo igual: não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. Ano que vem eu olho de novo.



Gavetas Mentais

Catarina Zaccaron Croda

Acredito que nem todos irão concordar comigo ou, talvez, ninguém concordará, mas a questão é simples. Gosto de imaginar que o cérebro humano é dividido em gavetas, que eu, carinhosamente, apelidei de *gavetas mentais*. Cada uma delas possui tudo que lembramos, seja o número de telefone da sua vizinha ou a vez que você caiu de bicicleta e ralou o joelho. Todas as lembranças são guardadas nessas gavetas, sendo organizadas por ordem de prioridade. Logo, se o número de telefone da sua vizinha não for importante, ele estará guardado na gaveta mais baixa; por outro lado, se cair de bicicleta foi uma experiência traumatizante, a lembrança provavelmente estará na gaveta mais alta.

Ao longo dos anos, guardei muitas memórias, memórias essas que divido com alguém muito especial, minha mãe. Lembro-me de um dia estar conversando com ela quando, de repente, o sono bateu. Desejei que tivesse uma boa noite e falei a típica e genuína frase “eu te amo”. Ela, então, perguntou-me se em todas as vezes que eu falava que amava alguém, estava realmente sendo franca ou era apenas uma frase repetitiva que dizia para qualquer um.

Meu primeiro pensamento foi de que aquela insinuação era um tanto absurda. É claro que se eu falasse “eu te amo” para alguém, era porque sentia. Entretanto, ao parar para refletir, aquela pergunta fazia muito sentido. Com certeza eu já havia dito que amava alguém sem realmente amar e creio que você, leitor, também tenha feito isso também, talvez até mais de uma vez. Percebi que o amor foi banalizado. Todo mundo ama a tudo e a todos, mas no final



ninguém ama nada nem ninguém. Quantas vezes você já disse “eu te amo” e quantas dessas vezes foi real?

Essa é uma reflexão que guardo comigo até hoje. E não somente essa, tenho muitas outras memórias de momentos assim que passei com a minha mãe. Suas perguntas e reflexões me fazem pensar e descobrir mais sobre mim mesma. Meus pensamentos, atitudes e sentimentos mudaram graças a ela. Então, se por algum acaso também pudermos guardar pessoas em nossas gavetas mentais, ela estaria na gaveta mais alta, junto com as minhas melhores memórias.



As idosas na varanda

Gabriel Elias Josende

São sete e meia da manhã – pouco mais, pouco menos. Acordei atrasado, vesti qualquer coisa. Perdi meu cinto. Como vou segurar minhas calças agora? Deixa ficarem caindo; pelo menos, emagreci. Quem sabe eu me sinta mais solto. Corri para o banheiro e lá bati com a escova na gengiva, ignorando o ardor enquanto sentia o fluido gosto de ferro entre os dentes. Saí de casa apressado. Virei a esquina da casa da dona Dirce, e o cachorro dela me odeia. Nossa, como me odeia! Corre atrás de mim toda vez, mas dessa, não. Ele ficou me olhando com cara de quem sabia que eu estava atrasado. Acho que sabia mesmo. Vai ver os bichos são mais espertos do que a gente pensa.

Desci pelo declive da rua, e lá embaixo, enxerguei o micro-ônibus na parada. Agarrei a mochila nos ombros, eu não podia me atrasar de novo! Corri esbaforido gritando espera, espera! O motorista esperou. Entrei no coletivo com todo mundo me encarando, uns querendo rir e outros com cara de quem julga. Cara que eu já to careca de ver. Sentei no segundo banco à esquerda, o mesmo de sempre. Eu adoro aquele banco. À frente o bastante para eu não enxergar as maldades dos outros – atrás o bastante para eu me sentir protegido por ao menos outro banco, no qual ninguém nunca senta. À esquerda porque eu pendo melhor para esse lado. Ali fiquei.

O caminho para o trabalho é mais longo do que deveria. Leva trinta minutos para eu percorrer uma distância que, de carro, levaria cinco. Os rostos que frequentam o micro de prefixo 267 são sempre os mesmos. Nunca há nada de novo para descobrir neles.



Os assíduos são sempre a psicóloga, que fica dando carteirada que é especialista em tratamento de vícios para a colega ao lado, mas passa a viagem inteira jogando *Candy Crush*. Tem também a da farmácia, que vive dizendo para a tia do banco de trás cuidar com a glicose, mas fuma uns dois ou três cigarros antes de entrar na condução (e, sempre que vai acender o terceiro e o micro chega, ela brinca que seu cigarro é incenso de ônibus). Tem o rapaz que é bonitinho, mas se junta a um outro menino para ficar dando notas às garotas que passam na calçada: “olha essa! Cara, essa não dá, é nota quatro”.

Hoje tinha tudo para ser mais um dia desses. Mesmas pessoas, mesma rota. Mesmas músicas tocando no meu fone – eu escuto a mesma playlist desde antes do *Big Bang*. Nessa monotonia eterna, o ônibus parou em uma esquina, na qual sempre me desintegro de tédio porque o semáforo parece demorar um Barroco inteiro. Olhei para o lado. Eu nunca havia reparado naquela casa. Uma casinha cor-de-rosa, com pátio aberto e despreocupado, rodeado de pequenos arbustos e pezinhos de sabe-se-lá-o-quê. Nela, havia uma varanda, onde duas idosas estavam sentadas, gargalhando muito alto.

Uma delas estava com um vestido salmão e florido. Com cachinhos brancos, aparentava ter seus sessenta e cinco, talvez sessenta e sete anos. A outra era mais velha. Devia contar quatro pares de décadas muito bem vividas, porque como era alegre! Ela usava pantufas de bichinho. Parecia vovó de desenho animado. Seus cabelos eram ainda mais curtos, mas menos cacheados. E eram loiros. Elas ouviam uma música gaúcha, aquelas bem de bailão mesmo. Seriam amigas? Vizinhas? Irmãs?

De repente, a mais nova se levantou. Em um ímpeto, puxou a mais velha pela cintura, e juntas, começaram a dançar uma valsa



desajeitada. Elas riam e se divertiam. O pessoal do ônibus viu. Todos foram para as janelas, alguns começaram a filmar.

— Olhem aquelas velhas!

— Que velhas mais gagás.

— Devem estar caducas!

(Sweet!)

— Demenciadas.

— Nota dois.

E debochavam das senhoras.

Mas as idosas na varanda estavam mesmo é caducas de felizes. Giraram tanto que, por um instante, eu pude jurar que explodiria um novo *Big Bang*. Fiquei pensando em como, após todos aqueles anos de vida, aquelas duas mulheres estavam assim, soltas. Mesmo depois de tudo o que devem ter vivenciado, com cada cachorro que as perseguiu, ou todas as vezes em que feriram suas bocas, que levaram bronca por perder o horário do trabalho ou que testemunharam a hipocrisia humana... como mesmo após tudo isso, elas dançavam naquela varanda a valsa mais brega do mundo, e ainda assim a mais bonita que se possa imaginar.

Por um momento, eu até esqueci do semáforo.



Para o futuro

Marcus Andrei Ullmann

Completar vinte e cinco anos é completar uma jornada em quartos: o quarto dos pais, o quarto de infância, o quarto da juventude, o quarto de pensão, o quarto do casal. O quarto de lua, o quarto de século, um quarto de vida. A trajetória é feita, portanto, de quartos. Cada quarto tem sua característica peculiar, tem seu *affaire* particular. Um é aconchegante e retém as mais puras recordações dos primeiros passos dados, outro é conturbado e confuso, outro, ainda, é sinônimo de liberdade e aventura, mas também de comprometimento e responsabilidades. O último quarto, do casal, lembra que a jornada apenas começara, e que um quarto de século é muito e ao mesmo tempo significa que faltam três ou mais partes para o *gran finale*.

A grande aventura, a aventura de viver, essa que cada dia mostra uma nova faceta multi-interpretável de si mesma, ensina a duras penas que o caminho é feito de dor e alegria, é feito de tentativas e erros, de escolhas e acertos.

Cheguei até este ponto, completar meu primeiro quarto de século, e isso me soa bastante, me parece uma quantidade enorme de tempo. Esperdiçado com o que? Gasto fazendo uma enormidade de inutilidades? Tentando ser reconhecido por nada? Entretanto, tudo me parecia tão promissor... Tudo que fiz tinha um sentido, uma razão, um propósito ou uma proposta de futuro melhor. E o tempo foi escoando como rio voraz. A duna de areia singrou pela aridez do quartzo e a ampulheta verteu todo seu conteúdo para um lado só. O tempo passou.



O tempo passou e insisto, nada fiz que me parecesse realmente útil, com propósito significativo ou promissor. O tempo passou e muito pouco se concretizara. O futuro almejado chegou, mas não era assim – tão vazio – que o imaginei. O futuro chegou e não é tão bonito, tão poético, tão cheio de significância quanto pensei que fosse. O futuro chegou.

O futuro chegou e me amedronta. Faz-me parecer um garotinho mimado querendo voltar para a barra da saia da mãe. O tempo é o monstro que saiu de baixo da cama, se escondeu no armário e perseguiu a criança para colocá-la em seu saco sem fundo. Ele leva as crianças para um lugar sombrio e sem saída, donde o futuro as julga: boas ou más, felizes ou deprimidas, com sucesso ou falidas.

O tempo é atroz e o futuro oprime. O tempo é uma draga voraz que liquida com as más recordações, com ofensas e desamores, contudo, também se alimenta de lembranças, de momentos. Vai apagando tudo da mente juvenil como uma grande borracha silenciosa: vai limpando, vai limpando, vai limpando... O futuro atormenta, é iminente, quando menos se espera irrompe o breu e nos aparece, de repente, mostrando sua face fantasmagórica, sua intolerância singular, sua insolência arrogante. Dá-nos de beber seu fel tinto e de comer, sua ambrosia azeda. O tempo é o governante tirano e o futuro, o executor impiedoso.

Entre um e outro, entre tempo que governa e futuro que executa, fico eu, sendo arrastado por ambos, ao infundo tempo que não passa e futuro que não chega. Fico eu, espremendo suco de frutos inférteis e esperando que brote esperança em ventres secos.

Um quarto de século se passou. Pouco fiz, me parece. Todavia, muito falta, é o que dizem.

Sou jovem ainda, muito tempo há para desbravar o próprio tempo e galopar num futuro esplendoroso. Domar o tirano e ceifar



os braços do executor. Tornar-me-ei livre e serei único dono de meu destino desatinado, único senhor de meu futuro rebelde.

O futuro tarda e me amedronta. Faz-me parecer adolescente inconvicto de meus objetivos, tira meu sono. A sua incerta chegada e sua face oculta, tanto mistério, tanto suspense suspenso em minha mente, tudo isso me toma qual pesadelo em noite sem luar. À noite choro. Não eu em si, mas a minha alma triste e desconsolada.

A minha alma se refugia num canto da sala, se encolhe em posição fetal e chupa seu dedo, apavorada. O que ela teme? O futuro.

Vivo nessa angústia, nesse “sem saber” o que é exatamente este sentimento de quartos. Vivo a me perguntar se isto é uma crise. Se é normal, em minhas reflexões, pensar que já deveria ter tomado mais atitudes positivas em minha vida e, ao mesmo tempo, que ainda sou jovem e tenho tempo para muito fazer. Bom, se for uma dessas crises existenciais que acometem o espírito de tempos em tempos, a cada certa idade, então espero que eu crie sobre a crise a cria de seu tormento: uma grande tumba sobre a qual eu e minhas ideias possam se erguer triunfantes.

Já que espero guardar este documento como declaração de meu pensamento, confuso e conturbado, na altura de meu primeiro quarto de vida, pensei em fazer uma lista das coisas que aprendi. Entretanto isto me pareceu meio perigoso, pois me falta tanto a aprender. Pensei em fazer uma retrospectiva de fatos que se passaram, contudo isto me pareceu herege e incômodo, pois afronta o passado (deixemo-lo dormir) e é tão pouco ainda que não dá um conto terminado.

Então deixo a única mensagem plausível, com alguma validade e que não necessita fundamentação alguma: paz.

Que se cultive a paz entre todos nós, seres humanos, jovens ou não. Que os próximos quartos que virão, sejam quartos de séculos



ou sejam quartos de estadia, que sejam de plena paz e não de apenas um quarto! Sim, a paz parece-me o único caminho para a reflexão, para exterminar com qualquer crise – inclusive existencial – interior ou exterior ou extraterrestre. Porque, às vezes, parece que nem pertencer a este planeta devo.

Não pertencer traz vantagens: um bom ponto de observação, distante e indiferente, sem interferências (como aprendemos na academia, como deve ser o referencial idealmente concebido, como fez Machado de Assis com seu Brás Cubas nas Memórias Póstumas). Todavia, é tão solitário.

Solidão não é bom. Em alguns casos é só o que alguns tem nos seus quartos ermos. E já que estamos falando de quartos, vou recolher-me ao meu. Sem antes, é claro, acalmar minha alma atormentada pelo futuro e recolher meu ego capturado pelo tempo. Vou então apreciar o momento, vou libar do sereno noturno, vou caminhar a esmo, só pelo prazer de caminhar a esmo, vou zombar do tempo e debochar do futuro. Depois vou pedir perdão, me concentrar e tentar conviver com mais um quarto de lua, sem ficar cativo nem do tempo nem do futuro, pois contra ambos não haverá vivente que poderá investir. Não há armadura que resista, não há coragem que os atormente, nem há fórmula que os congele.

Fico feliz se, a cada vez que alguém completar um quarto de século, resolver redigir uma mensagem de paz. Talvez isto seja significativo e possa atingir o coração de quem não a tem. Ou a nós mesmos, no futuro, se acaso a perdermos – a paz de espírito.

Já estou curioso para ver o que será daqui a meio século, quando mais um quarto tiver passado por mim, quando mais um tempo estiver me desbravando e quando outros silêncios estiverem me atormentando. Já estou curioso para perscrutar minha própria consciência, invadir meu espírito e verificar se a crise terminara; se



o tempo conspirara positivamente, se o novo texto será tão confuso, metafórico e angustiado com o que há de vir, quanto este que ora desabafo.

Na verdade, fica a carta para o futuro, remetida de mim mesmo para o meu próprio eu. Ficam estes reflexos meus n'água, que são reflexões de mim mesmo para o eu que existe em mim. Todavia, não o eu de agora. O destinatário será o eu do futuro, para o ser no qual me tornarei, o eu que ainda virá.

Estará, no futuro, este quarto oculto da lua espelhando a si mesma? Estarão os espelhos derretendo no calor de décadas, feito vidro pouco espeço, escorrendo dos vitrais do tempo, permitindo que os reflexos se dissipem como águas turbulentas? E já que são reflexos, claramente refletidos nas águas paradas, que reflitam bem as palavras: anagramas de mim mesmo, tentando me avisar sobre a proximidade do futuro temível. No entanto, reflexos, como disse, se dissipam em águas turbulentas e o tempo há de bagunçar tudo, como fazem as águas turbulentas. Isso é bom. Assim o tempo jogará todas as palavras, meticulosamente alinhadas por mim, em seu saco sem fundo e isso as amontoará randomicamente, de forma que o anagrama seja cada vez mais e mais incompreensível ao passo que o tempo for singrando e recolhendo e singrando e passando tal como uma onda ou maré que traz coisas à tona e leva outras para o *Maelstrom*.

Que assim seja. A simetria encontra seu espaço entre a casualidade. Vejamos se o próximo quarto de século será o reflexo deste último na vida de cada qual que ler estes reflexos.



Das pequenas grandes coisas

Iago Spellmeier Zuchi

Uma velha anedota conta que, certa manhã ensolarada, Alexandre Magno foi ter com Diógenes, o Cínico. Ciente da sabedoria do filósofo, Alexandre ofereceu-lhe metade das suas riquezas caso aceitasse acompanhá-lo. Diógenes recusou a proposta, mas pediu ao ilustre imperador que saísse da frente do seu sol.

Devo admitir que é uma bela história essa que me veio à cabeça ainda hoje pela manhã, enquanto pegava um solzinho. Mas, cá entre nós, nunca consegui pensar como Diógenes. Meu pai já me dizia que se a vida me desse um limão, eu devia mais é fazer uma limonada. Acontece que a vida até me deu alguns limões, e disso não reclamo. O problema está nas limonadas. Todas as que eu fiz azedaram.

No trabalho, fui um deputado corrupto e interesseiro até ter o mandato cassado. Melhor não entrar em detalhes sobre isso. Porém, posso dizer que minha astúcia me rendeu uma boa fortuna e, junto com ela, luxo, conforto material e reconhecimento no meio político. Pelo menos antes do banco e dos meus credores me deixarem no chinelo. Quanto à família, arranjei uma mulher bonita, carinhosa e prestativa, talvez boa demais para mim. Tive três filhos com ela - lindas crianças, diga-se de passagem. É uma pena que eu não as tenha tratado como mereciam. Sabe como é, ninguém é de ferro. A tentação do jogo e das bebedeiras (e das amantes) falou mais alto, o que me manteve inúmeras noites fora de casa. Talvez a minha esposa tenha agido bem ao me deixar. Também acho que o tribunal tenha agido bem ao conceder a guarda dos nossos filhos para ela.



Agora estou aqui, derrotado, neste banco de praça sujo, atraindo moscas, tocando tristemente meu violão e vivendo das ninharias que largam no meu chapéu. Ah, como eram bons os dias de glória! Tanto poder, tanto sucesso! Só para depois me chafurdar na lama, descer ao cúmulo da imundície. É o diabo! A minha vida só pode ser uma tragicomédia de mau gosto que alguém escreveu para descontar seu ódio contra a humanidade. Mas chega de papo, estou com fome. Achei um café barato e um sanduíche de mortadela na minha bolsa.

Estou quase mordendo o meu sanduíche. Só ainda não mordi porque um cachorro esquisito perseguindo uma borboleta desviou a minha atenção. Pula, gira, tenta abocanhar, corre de um lado para o outro. Conseguiu capturar o inseto, até que enfim. Qual não foi a alegria do vira-lata! Que felicidade estúpida essa dos cães.

Voltei à consciência e percebi que fiquei meio minuto olhando feito um idiota para o animal. Engraçado, parece haver algo de familiar nele... Lembrei: é aquele cão sarnento que eu tinha chutado numa rua há cinco anos, no auge da minha grandeza. Agora o miserável está se aproximando de mim. Cada vez mais perto. Será que quer outra bicuda? Deve ter se esquecido daquele dia. Por que ele está me olhando com essa cara de...? O sanduíche, é óbvio.

E não é que me deu uma pontada de pena do desgraçado? Vou dar um teco do meu lanche e ver se ele para de me atazanar. Pronto, já dei. Ué? Até comeu, mas não pareceu estar com muita fome. Continua me olhando.

Aliás, que pelo macio ele tem! Espera aí... Quando eu comecei a acariciar o cachorro? Nem notei a minha mão se movendo. Bom, não importa, acho que era isso que ele queria. Dá para ver que ele gostou de mim. Admito, estou emocionado. Não imaginava que alguém ainda pudesse gostar de mim.



Crônica

Enfim, mordi o meu sanduíche. Não está tão ruim quanto eu pensei. Quer dizer, até que está bastante bom. Acabei de tomar um gole de café e, olha só, harmonizou perfeitamente. E você, totó, o que é que está olhando? As árvores? Tem razão, são árvores bem bonitas. É bom estar aqui. E esse céu azul, então? Um espetáculo! Aliás, senti essa brisa suave da manhã? Pura poesia. Espera, deixa eu pegar o meu violão, que agora eu fiquei inspirado. Vou tocar uma serenata para meu novo amigo.



Pílulas

Ecila Noyce

Dependente. Inquieta. Acelerada. Transtornada. Desesperador, mas já habitual. Patológico, talvez. Hereditário, pouco provável, embora sempre tenha essa possibilidade. O relógio não para. Os carros não param. Eu não paro. As cortinas voam devagar pela pequena quantidade de vento que entra. A geladeira pinga. A goteira também chora. O vizinho de cima discute com o filho. Adolescentes são complicados mesmo. O de baixo decide arrastar a cama para o lado, depois para o outro, e para o anterior, e para frente...

Levanto. Faz parte da rotina. Observo o relógio, já passou das duas da manhã. Abro a porta e caminho, em meio a escuridão. Os pesadelos agora não envolvem o escuro, os bichos papões, as aranhas e as bruxas. Sinto falta, especialmente das bruxas. Sempre simpatizei com elas, as via como figuras astutas e altivas. Não sinto falta das aranhas, nunca foram simpáticas comigo. São pestes espantosas, por isso eram as protagonistas dos sonhos ruins. Nunca dos bons. Subiam pela cama como se detivessem o poder e me encaravam. Olhos vermelhos que causavam náusea.

Os sonhos bons. Sinto ainda mais saudade deles. Eram estranhos. Peculiares. Longos. Intrigantes. Reconfortantes ou confortáveis, não sei se tem diferença. Mais calmos. Menos insólitos. Com princesas e reis. Com nuvens e chocolate. Queria um sonho agora, um dos esquisitos e chatos. Também queria um pesadelo, daqueles de causar pânico. Queria algo. Queria esquecer. Queria não ver nada. Não sentir nada. Não pensar em nada. Queria a ausência do tudo. Só me resta querer.

Chego na cozinha, com as luzes apagadas percebo que a casa é menos aconchegante do que durante o dia. Abro a geladeira e



sinto a luz irritar meus olhos, tal qual um dia de sol. Pego a jarra de água e um copo no armário, os colocando na bancada da pia. Abro a gaveta esquerda, em busca do escuro e das bruxas. Tento encontrar a calma e as horas desacordada. De imediato, não acho nada. Uma segunda conferida é o suficiente para encontrar um bicho papão fujão em miniatura. Ele me olha e isso dura minutos. Acho que monstros sentem compaixão, no fim. O serzinho não foge, aceita vir de bom grado. Misericordioso, uma característica louvável. Suspiro. Inspiro. Aspiro. Agora tenho uma dívida com ele, a misericórdia está longe de ser do meu feitio. Não é uma nuvem e muito menos um chocolate, mas vai ter que servir. Ele reluta um pouco ao se aproximar de meus lábios. Três goles de água são o suficiente. Pílulas já não ardem na garganta. Eu espero que sejam sonhos, mas se forem pesadelos não ousarei reclamar.

Passos seguidos do barulho do colchão seguido dos olhos fechando. Apago.

Ouçó um leve tilintar, algo entre sininhos (não a fada) e um despertador. Acordo, tentando me acostumar com a visão no mínimo diferente do que está ao meu redor. Árvores, árvores, mais árvores, algum bicho correndo entre as folhagens e uma construção no meio. É um casebre meio desgastado com uma placa mais desgastada ainda. Levanto, sentindo as articulações doerem. É um dos sonhos bons, dei sorte.

— Boa noite, querida... — uma mulher de pele verde e cabelos ressecados diz. Ela segura sua vassoura com força. Sorri, sem dentes. Pisca, sem cílios.

É um dos bons mesmo.

Um ponto marrom surge atrás da figura, tornando-se cada vez maior. Ele cresce, à medida que o horror chega. As patas surgem. Os olhos surgem. O vermelho surge, escondendo a pobre criatura verde.

— Boa noite, querida...



Liminal

Leonardo Froner Moreira

Dada nossa pressa, matem os de vez essa prosa. Deixemos que o texto fuja ligeiro por debaixo dos olhos, escorregadio como um dia besuntado que escapa às mãos, ao registro fotográfico da alma. Na letargia do dia a dia, entre um dia-dia e outro, quando o hoje é a antecâmara que precede um ontem na estante ou um ontem na lixeira, cada leitura a mais é uma leitura a menos. Segure minha mão, há crônicas demais para se ler.

A trote, o caminho da calçada tende a correr mais rápido por debaixo dos pés. Viro a esquina e defronto-me com uma forma de vida estranha, diametralmente oposta a mim no espaço. Em breve, durante a caminhada mútua, trocaremos de posição: A no lugar de B, B no lugar de A. B seguindo para X, A para -X. Se suceder desses vértices opostos uma quebra de esquina em -Y, uma parábola que atravessa e reatravessa a rua por apreensão aos intentos de um transeunte C, um retorno à extremidade cartesiana de partida pois algo em um onde foi esquecido... não importa. Agora, a calçada é reduzida ao unidimensional. Nela somos duas frequências inversas prestes a colidir. 90m.

Seguir o centro da calçada é rude porque deixa pouca margem para a passagem de uma segunda pessoa. A dança usual é espelhada: minha esquerda, sua direita; sua direita, minha esquerda. Um dos dois decide, momentos antes do encontro hipotético, cessar a dupla contramão. Alterar a trajetória em alguns centímetros, abrindo espaço suficiente para a vinda do Outro que, em resposta, firma o acordo mudando sua posição inversamente, criando assim, por vontade própria, uma segunda via de tráfego. Fazendo daquela



tripa unidimensional um sistema de trânsito perfeito, ditado não por lei maior, mas por um acordo velado, nascido da vontade universal de se chegar a algum lugar. 75m.

Desviar dessa coreografia – com o perdão da expressão – se dá habitualmente por duas maneiras: os polos opostos na dinâmica decidem fundar a bidimensionalidade do trajeto convergindo na mesma direção, acidentalmente: uma direita e uma esquerda que se cancelam. Tudo que fizeram foi trocar uma pista de duas mãos únicas por outra, agora, ambos seguindo para 1,0. Talvez, em uma posterior mesma tentativa de realinhamento, criando a terceira pista inoportuna, -1,0. 90m.

O segundo cenário deixa de lado o utilitarismo, o benefício mútuo de criar-dar-receber passagem. Há uma mensagem a se passar na linha reta inquebrável. Na indisponibilidade em desviar. Na recusa em mudar de ponto cardeal por breves instantes. Há corpos que, dada uma combinação de massa e velocidade, não podem reajustar o trajeto facilmente por vontade própria. Isso não é máxima aplicável ao passeio público, um espaço pisoteado, costumeiramente, metro a metro por segundo passado. Se um corpo no trânsito passarílico se torna um objeto imparável prestes a colidir com o que há a frente, não é pela desgovernabilidade que as mecânicas do plano físico conferem aos massivos objetos. É um ato consciente. 70m.

Esse relato parte do ato consciente que eu e o Outro, por casualidade, decidiram partilhar em silêncio. O costumeiro olhar centrado constrangedor que evita ao máximo tocar o objeto à frente, checando sua posição e velocidade relativa ao observador com uma perifricidade cada vez mais vertiginosa, foi substituído por um encarar assertivo. Um desafio entre estranhos. Alguém, nos segundos porvir, teria de ceder. 56m.



O pé ante pé sincronizado dava vazão a uma tensão crescente. Para qualquer um que passasse, nada fora do ordinário fazia palco daquele trajeto. No entanto, o resultado daquela muda disputa seria um atestado de autonomia, de força de vontade. Um de nós voltaria para casa altivo. Uma fera que gritou “eu” no coração do mundo. A excitação vazando pelo brilho dos olhos, finalmente, uma imbecilidade para fazer do dia a dia um autêntico dia-dia. 43m.

Em breve, no passado que reconto, os paralelepípedos seriam chutados pouco a pouco para a sombra pregada às minhas costas. O oposto aconteceria à frente: um breu que devorava pedra, digeriria-a e expurgava uma cópia idêntica, de mesma inorganicidade. A trilha seria encurtada, como uma prancha pirata aos poucos sabotada pelo sabre de um diabo náutico. Um tchibum premeditado desde a fatídica dobra na esquina. 27m.

Um evento fútil demais para tirar de nós dois qualquer coisa mais que uma microexpressão subconsciente de antecipação, mas antecipação de qualquer forma. Um raro florescer de anormalidade irrompendo do ventre do dia a dia dos dias de hoje em dia. Nós dois sabemos, mas demonstrar que sabemos tira a graça do jogo. Como um flerte. 12m.

A dúvida começa a tomar forma. Paira naquela nuvem dialética. Eu sei meu espólio dessa vitória, mas o que passa por trás dos olhos de meu oponente? Que informação cruza uma ponta à outra de sua cabeça quando pensa em mim? Será que ele sabe da dança? De nossa dança? 6m.

Enfim, aconteceu. Mas ainda não, não inteiramente. Acontecerá aqui também. Em breve. No momento, acimamos sua descrição. Estamos linhas acima da sua tradução em signo. Não é hora de exprimir sua realização. De eternizar o mundano que os pés jogaram para trás. De fazer de segundos, papel. De passos, tinta. Segure



minha mão, pois eu não quero contar. Sua companhia tem sido tão boa até o momento. Assim que eu descrever o que aconteceu, você e eu estaremos diametralmente opostos mais uma vez.

Não importa em que espaço e posição os dois corpos estavam ou estarão, a destinação que a dupla concordava em discordar. Distante de qualquer ato próprio de ambos, um mesmo trilhar era trilhado. Uma mesma direção irreversível se estendia à frente e mutilava o trajeto percorrido, tornando-o irreconhecível. Um mesmo trecho de rio revisitado, de águas absolutamente estrangeiras a si mesmo, mesma inorganicidade. Independentemente do intento, o tempo é uma calçada sem retorno. Uma dimensão de via única. 2m

Os vários questionamentos desaceleraram o passo de um. De outro. No mútuo atrasar, a confirmação de que algo mais que sol e chão entornava nós dois. Enfim, sem que parássemos, mas ainda notavelmente lentos, cada um de nós jogou o ombro para frente a seu modo e fitou uma porção de pele e tecido do ex-oponente. A porção que coube aos olhos fugidos e orgulhosos olharem. Um eterno instante num eterno presente mutuamente aceito.

Certo, pode largar minha mão agora.

-1.

Haikai





Origem

Claudia Willrich Klein

Da poeira estelar
Carbono em mim habita
Trama do Universo



Palavras

Milena Rolim Seibel

Língua é magia
Quem detém a palavra
Sabe dor ria



Risada

Santiago Zucchini

Hi ha hé hi hai
Ri-se quem lê este haikai
Ri-se até que cai



Haikai

Iago Spellmeier Zuchi

Noite tão sozinha.
Tanto que a lua nem pode
se chamar de nova.



Haikai

M. S. Dias

Dilúvio mental
Sonhos afundam e emergem
Memória faz ondas



Pena! A maré apagou...

Marcus Andrei Ullmann

Na praia, poeminhas...
Palavras formam pegadas
por onde caminhas.



Haikai

Lauren Greenchain

Pirilampos são
Os postes iluminados
Do mundo salubre



Leminskiando

Fernanda Lauck Jablonski

“Amar é um elo”
E coloriu o Haikai
Nas cores do belo



Haikai

Anti

Raiva e frenesi
Me fiz em sombras do mundo
Sem finalidade.



Tão minha cara

Júlia Cabral Tamiosso

Meu fundo do poço.
Eu que decorei-o
com minhas memórias ardentes.

Poema





Tela de pintar

Marcius Andrei Ullmann

A tela é negr'alma
do pincel que estala;
a tinta que jorra
é vil rubro trauma
de um corpo que cala
e gane à tripa forra.

A tela é tão torpe,
tons escurecidos,
ocres, padecidos;
mesmo que ela encorpe
tons de toda fama,
é de um negro drama!

A tela escraviza:
te toma e te cospe,
é o tronco, é o poste;
é escudo, é baliza:
sequela da mangra
qual tela que sangra.

Na tela, o óleo é lodo
numa cena muda,
com traços de medo,
sem classe ou estirpe
e mesmo quem estuda...
nada há que a extirpe.



A pele da tela
é ponto de mistério,
e em sombra esfarela,
à luz de um martírio:

A tela esquecida
por nenhum de nós
muita vez é a vida
que humano algum quis:
subjugada e atroz:
rusga e cicatriz.

O pincel desliza...
Eis a chicotada
em linha precisa
pelas mãos do imundo
nas costas de cada
herdeiro do mundo.



Mera convencionalidade

Júlia Helena Breitzkreitz

Será que existe algo racional
nessa tal de sociedade atual?
Ou é apenas algo arranjado,
que o mundo faz,
cansado,
em sua existência ficcional?

Isso que chamamos de
“sociedade”
é reles e tola convencionalidade:
uma coalizão que constrói,
desde sempre e continuamente,
nossa falsa
[e hipócrita]
realidade.

Nosso barco está afundando,
há tempos perdemos seus remos quebrados.
Não sabemos para onde ir,
mas estamos em algum lugar por aqui,
criando barreiras contra aqueles que nos amaram
perdendo as estribeiras que outrora funcionaram.
Continuamos a cair onde o esgoto desemboca,
tentando segurar em algo que não o ar que nos sufoca.



Poema

Então por que tolerar
aquilo que não conseguimos suportar?
Por que silenciar
o instinto que nos diz para gritar?

Por que sequer viver
essa prisão
quando tudo é mera
e conturbada
convenção?



Canção do Guerreiro

U.T. Flaming

Por estradas tortuosas é que ponho-me a andar:
Uma busca por mim mesmo, formas de me encontrar;
Não pretendo desistir, muito menos me abalar,
A jornada que inicio nunca devo abandonar!

Lindas flores desabrocham e revestem o caminho,
Fauna e flora se reúnem no cantar dos passarinhos,
Transformando a natureza, acolhendo os seres vivos,
Colorindo as paisagens com a fluidez dos rios!

Passeando pelos vales, onde ecoam nas montanhas
Sons gritantes de agonia, de espadas tilintar,
Anunciam, à distância, o prelúdio de uma guerra,
Um conflito intermitente que ninguém há de escapar

Sangue quente, efervescente, de vermelho esplendor,
Fúria e ódio, indomáveis, buscarão me dominar;
Vários montes e rochedos hão de haver neste caminho,
Mesmo assim, nada deve me impedir de caminhar!

Que os tormentos que me atingem não se tornem tentações,
Que eu lute por parceiros, pelas minhas convicções,
E que mesmo em meio à dor, e a tanto sofrimento,
Nessa vida, sempre tenha a virtude de um guerreiro!



E por mais que não esteja ao meu alcance
Nada temo, e não pretendo hesitar,
Pois se algo ameaçar a quem eu amo,
Corpo e alma, em batalha, irei doar!

Despertada essa chama, esse instinto protetor,
Cruzarei pelas nevascas, intempéries e ressacas,
Revestido pelos sonhos e intenções de meus amigos,
Honrarei os meus dizeres, e os de quem jurar comigo!

As palavras me acompanham, são parceiras de missão;
Não são asas, mas libertam, me dão força e expressão.
São nos versos mais sinceros que relato essas histórias,
E escrevo meus poemas, resguardando essas memórias!



No Meu Tempo era Melhor

Robson Peres

Brincava na rua sem medo da chuva
a água não era suja.

Usava roupa rasgada de algodão
e plástico não existia não
o petróleo estava no chão.

O petróleo quando apareceu
me convenceu
que precisava dele de montão
minhas roupas não teriam mais rasgão
ele seria a solução.

Mas o que ele não contou é que saúde
não teria mais não,
pois hoje respiro poluição
e tenho microplástico no coração.



A rosa

Anatoly Korsikov

O vômito chegado à boca
Só de lembrar dos clichês textos
Sobre rosas e amores espinhentos,
Acidifica a minha garganta oca.

Mas, a rosa, encarei. Paralisou-me alma, olhar...
Toda idealização pareceu pura verdade.
Na sua beleza, esqueci-me da trindade
E entreguei-me àquele falso amar.

Porém, com bisturi segurado, cortei-lhe o pedúnculo.
Nada tinha comparado ao exterior:
A essência não era mais do que pudor.

O romantismo transformou-se em arte;
Arte bem feita, caso fosse artista superior,
E não menos do que um mero sonhador.



Caverna de emoções

Henrique da Silva de Andrades

O calor não me deixa pensar
Derrete
Os pensamentos
Que derretem
O gelo
Ideias
Congeladas
Sem ação
Sem vontade
Existir
Parece exigir
Uma força que não tenho
Será mesmo
Que a culpa é do calor?

Tristeza
Estatelante
Caverna de emoções
Que afunda, afunda, afunda
Cai no mar, água imunda
Suja de raiva, oriunda do caos
Congelada depois, uma tundra
Mistura com outra, faz bagunça
Ninguém entende mais nada
Nem eu, nem eu, nem eu



Perdido por tempos
Me encontro no litoral
Onde sempre estive
Mas nunca estive aqui quem eu sou
Sempre distante
Como se não conhecesse
Não se conhecesse

Perdido no calor,
Perdido no mar,
Perdido na praia do litoral...
As conchas me fazem companhia
A brisa, vento bom
Que leve embora essa maldade
Que traga o tempo fresco
Que me livre, me lave
Me leve ao Louvre
Leve, levito
E vou ali na barra
Me desmanchar...



Recortes de uma Juventude

Garota Nacional

Lágrimas marejaram meus olhos,
inundando-os de um sonho feliz.
Enquanto minha mente viajava,
mergulhando em memórias veranis.

Aquelas horas e horas,
em que o tempo congelava.
E o vento, calmo e acolhedor,
entre seus passeios, nos abraçava.

As palavras que surgiam em um som rouco,
enalteciam nosso Sangue Latino.
Lembrávamos que éramos loucos,
mas juramos que o tempo não foi perdido.

Onde o folclore era só nosso,
e o cruzeiro resplandecia.
Sentia que a vida era pra valer,
e o meu destino, eu já sabia.

À esses momentos eternos,
que nesse lugar fiz,
canto entre meus versos
“eu sou feliz”.



Trocando Olhares Com O Vazio

Darko Sinfonia Abissal

Oi querido vazio,
Antes eu te culpava,
Via sua presença no espelho,
Jurava que você sorria,
Das minhas tragédias ria.

Os dias eram piadas sem graça,
Eu não era mais protagonista,
A vida virou um comercial,
E eu queria trocar de canal.

As piadas se multiplicavam,
Como estar em uma foto não pedida,
Ter que sorrir mesmo sem vontade.

Eu me tornei um estrangeiro,
Dentro da minha própria cabeça,
Vergonha de sentir vergonha,
Os dias se tornaram pedras sem graça,
Minha voz ficou dura, sem graça.

Eu olhava no espelho e via,
Um fantasma cético, sem fé,
Nada acreditava, nem no futuro,
A existência perdeu o sentido puro.



Poema

Queria que você me explicasse,
Mas seu silêncio era a resposta,
O vazio não traz respostas,
O vazio é a pergunta sem proposta.



Impossível Guardar

Lauren Greenchain

Água transparente
Corre livremente pelo rio
A pedra no fundo dele? Miséria.
Estamos ocupados vendo seu trajeto

Doce alma caridosa
Choras tanto por insuficiência
Linha ocupada no telefone
Figurante de sua própria história



Dores por trás das grades de uma gaiola

Mikaela Dutra Kosciuk

Me conte, pequeno pássaro
Quando que lhe tiraram as asas?
Quem fez isso com você?
A última vez em que te vi, você tinha grandes asas, de cores vibrantes.....

Me diga, pequeno pássaro
Quando isso aconteceu?
Você acordou um dia e elas haviam sumido?
Ou a cada dia que passava você via uma pena cair, ou ser arrancada,
Até nenhuma restar?

Pequeno pássaro, você viu quem fez isso?
Ou foram todas as vezes que lhe disseram quem você deveria ser que tiraram seu brilho?

Por favor, pequeno pássaro
Volte a cantar
Você não vê motivos, eu sei
Mas talvez, se você cantar
Se você cantar alto o suficiente,
Eles entendam que arrancar suas asas não o impediu de lutar
E talvez você também veja
Que ainda podes viver



Poema

E agora, pequeno pássaro
O que você se tornou?
Pela primeira vez, a decisão é sua.

Concurso

LITERÁRIO

do IFRS


PROEN
Pró-reitoria de
Ensino


**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio Grande
do Sul

**Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS**

Rua General Osório, 348 - Centro
CEP: 95700-000 - Bento Gonçalves/RS
Telefone: (54) 3449-3315

E-mail: concursoliterario@ifrs.edu.br